



ISSN 2358-3320

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O BATUQUE R.S. E IFÁ.  
*Bàbàlòrìsà Erick Óbokún e Bàbáláwo Ifádámiláre*

A LINHA DE INTERSECÇÃO ENTRE A ANTROPOLOGIA E A TEOLOGIA: UM DEBATE NO  
FACEBOOK  
Luiz Antonio da Silva

O ENSINO DO *OMO IFÁ* NO OCIDENTE  
Solagbade Popoola

*ÓYÓ* REJEITOU O CULTO DE *IFÁ*  
Luiz L. Marins

AS DIFERENTES TRADIÇÕES JEJES NA DIÁSPORA BRASILEIRA  
Hùngbono Charles

BUSCANDO A POSSÍVEL HERANÇA *VÒDÚN* NO CULTO BATUQUE AFRO-GAÚCHO  
*Bàbàlòrìsà Erick Óbokún e Hùngbono Charles*

Edit 17



## Redação



**Erick Wolff**  
Editor - Diretor

Diretor Espiritual do Ilê Axé Nãgó'Kobí



**Dr. Roberto Tamelini Jr.**  
Jurídico

Iniciado no *Orisãismo* Afro-sul

## Conselho Editorial

Yasmin Pastore Abdalla  
Isabella Annicchino  
Roberto Tamelini Junior  
Rodolfo Presti

## Carta do Editor

Caro leitor

Eu dedico esta edição aos meu filhos, em nem um especial, porem à todos os que vivenciam a religião dedicando momentos da sua vida e da sua noite, trabalhando durante as iniciações e preparativos, também para todos aqueles que creem no *Òrìṣà* e no seu *Orí* e conseguem vivenciar a religião em sua pureza e simplicidade.

E para aqueles que lutam pelo Ilê Axé Nagô Kobí, e por todos que ainda pisarão pelos portões deste templo.

Erick Wolff

**Algumas considerações sobre o Batuque R.S. e Ifá.**

*Bàbálòrìṣà* Erick Óbokún

e

*Bàbáláwo* Ifádámiláre

Fevereiro / 2013

## RESUMO

O propósito deste trabalho é registrar o diálogo trocado entre e-mails de dois sacerdotes de religiões diferentes, um sacerdote que pertence ao culto à *Òrisà* e um sacerdote de *Ifá*, analisando e conceituando as convergências filosóficas e culturais entre a Nação Batuque Afro-Gaúcho e o Culto Tradicional *Ifá*, esta similaridade é possível, por que a Nação Batuque é uma religião baseada na cultura *Yorùbá* e suas divindades, lembrando que há possibilidade de haver mais culturas influenciando a sua formação, porém neste trabalho iremos focar apenas os *Yorùbá*. Utilizamos como base para o estudo as informações fornecidas pelo *Bàbáláwo Ifádámiláre Agbole Obemo*, sacerdote reconhecido no culto tradicional *Yorùbá*, pertencente a família do *Bàbáláwo Ògún Jimi*.

PALAVRAS CHAVES: *Òrisà*, *Bara*, *Ifá*, Religiões afro-brasileiras, Batuque, Iniciações.

## **INTRODUÇÃO**

A cultura e a tradição de um povo necessita ser preservada, e, ou resgatada, sabemos que há várias formas de fazer este resgate cultural e religioso, uma delas é através dos mitos e informações orais que são passados pelos sacerdotes, e, ou estudiosos reconhecidos que pertencem e vivenciam determinada cultura.

Para ajudar ilustrar este artigo produzimos uma pequena coletânea entre os artigos já publicados pela revista *Olorun* e seus colaboradores, para que possam nos ajudar com dados que nos aproximem a nossa cultura dos *Yorùbá*, traçando um caminho partindo do núcleo da religião para os fatores externos, fundamentando a Nação Batuque e seus rituais com a similaridade dos conceitos e fundamentos da religião tradicional *Yorùbá*.

Com a entrada do *Bàbáláwo* Ifádámiláre *Agbole Obemo* para o Batuque R.S., através da iniciação para *òrìṣà* no rituais do Ilê Axé Nagô Kóbi, foi possível traçar um paralelo entre as duas religiões e discutir conceitos particulares de cada uma, com uma ressalva, que todos as conversas focassem apenas na cultura *Òrìṣà*, respeitando sempre os segredos de *Ifá*. Assim de comum acordo, segue;

## **O PROCEDIMENTO DE INICIAÇÃO**

*Bàbáláwo Ifádámiláre* - Atualmente estamos acompanhando o crescimento de iniciados em *Ifá*<sup>1</sup>. Alguns destes iniciados deixando de lado o culto afro-brasileiro, com a promessa de vivenciar uma religião mais pura ou original, esse argumento tem criado conflitos entre o culto de *Òrìṣà* brasileiro no Brasil e as casas de *Ifá* que seguem tal filosofia. Outra abordagem promovida por estes sacerdotes sugere que os rituais e os *Igbá*<sup>2</sup> de *Òrìṣà* estariam feitos errados, por não seguir a tradição africana.

Antes de mais nada, precisamos trazer a luz da razão, para o que realmente significa o processo de iniciação e então separar o que é “marketing religioso” do que realmente precisa ser melhorado. Segundo o ensinamento de *Ifá*, todos os seres humanos vem a este mundo com um propósito bem definido, seu objetivo é provocar a evolução humana. Contudo durante o processo de reencarnação o acordo feito com a Divindade é esquecido, justamente para que o indivíduo seja ele mesmo e não siga um “roteiro”, em outras palavras,

---

<sup>1</sup> *Ifá* - O significado da palavra *Ifá* está relacionado com sabedoria ou conhecimento, em um contexto religioso *Ifá* é o nome dado a uma disciplina espiritual que contempla um sistema religioso completo, em outras palavras, podemos dizer que *Ifá* é uma filosofia de vida centrada na observação



não seja um marionete do seu próprio destino. É muito importante entender que esse acordo feito com a Divindade não tem a função de controlar a pessoa, mas sim de impulsionar o seu crescimento.

Dessa maneira fica claro que o nosso destino é balizador, ou seja, existe uma “estrada delineada” a seguir, mas podemos tomar o rumo que quisermos, pois temos impetrado em nossa alma o livre arbítrio, dado a nós por *Olódùmarè*<sup>3</sup>. Contudo se nos mantivermos leais aos propósitos previamente combinados no *òrun*<sup>4</sup>, ao final dessa existência teremos dando um grande passo em busca da perfeição. Mas como descobrir qual é esse acordo? Como saber se estamos fazendo o certo? Para responder essas perguntas Ifá ensina: “*BÍ OKÒ BABÈRÈ, ÓKÒ NÍ RÍ IDÁHÙN*”, ou seja: “Se a pergunta não for feita, nunca saberemos a resposta”.

Este ensinamento expressa a necessidade de descobrir nosso “eu interior”, de ir em busca das respostas que possam promover em nós mudanças significativas de personalidade, corrigindo e alterando nosso caráter de tal forma que aperfeiçoe nossas ações. Além disso, entender e conhecer nosso projeto com a Divindade ajuda a criar tais

<sup>3</sup> *Olódùmarè* – Deus em Yorùbá

<sup>4</sup> *Òrun* – Céu ou mundo espiritual.



mudanças. Muito bem, *Ifá* também esclarece que para revelar o conteúdo do acordo precisamos alinhar nossa essência interior com nossa essência superior, ou seja, sincronizar nossa consciência com o plano espiritual, guiar os valores terrenos com os princípios espirituais presentes dentro de cada pessoa. Este processo é conhecido como alinhamento do *Orí*<sup>5</sup> com o destino, é a chave para o sucesso na vida e também para o crescimento espiritual. Tal alinhamento pode ocorrer espontaneamente, sem necessidade de um contato mais próximo com a Divindade, isso pode ser notado em muitas pessoas que tem facilidade para obter êxito em seus empreendimentos, demonstrando claramente que o *Orí* e destino estão em perfeita harmonia.

Mas quando tal alinhamento não ocorre as pessoas passam por dificuldades grandes, temos a impressão que a vida está bloqueada e logo pensamos em ações externas, como feitiços agindo sobre nossa vida.

Esta afirmação nem sempre procede, normalmente, o inimigo somos nós mesmos, o nosso caráter (*Iwa*). Para remover tal obstáculo, a Divindade determinou que os *òrìṣà* sejam nossos protetores e

---

<sup>5</sup> *Orí* – Tradução Cabeça (Beniste); porem esta *orí* refere-se a tudo que está relacionado ao individuo no *òrun* e ao destino de cada um.

orientadores, ajudando o homem a encontrar dentro de si mesmo, o caminho e então provocar o alinhamento tão desejado e necessário.

*Ifá* ensina que provocar estados alterados de consciência criam as condições ideais para que o homem tenha a experiência de vislumbrar (visualizar) o *òrun*, ou seja, recriar momentaneamente a ligação da consciência com a essência interior. Essa experiência é alcançada durante rituais que facilitem tal contato. Dentro do contexto religioso de *Ifá/Òrìṣà* existem muitos momentos que criam as condições ideais para que o homem faça a viagem de volta ao *òrun*, esses momentos são conhecidos como obrigações ou ainda iniciações.

Uma iniciação seja em *Òrìṣà* ou *Ifá* é um processo ritualístico que tenta reconectar o homem a sua ancestralidade e a sua essência, utilizando como instrumento os *Òrìṣà* que estão de alguma maneira ligados a seu *Orí*. Aqui vale esclarecer que os *Òrìṣà* não comandam o *Orí*, Eles são pilares que sustentam e equilibram a força interior que todo homem possui. Este ritual retira o véu que cobre nossa visão da realidade espiritual e isso provoca o aumento da percepção do *òrun*, ou seja, podemos perceber o que realmente viemos fazer aqui. Como explicado anteriormente a iniciação irá ajudar o alinhamento do *Orí* com o destino, irá facilitar o entendimento do acordo com a Divindade

e isso causa imediatamente alterações positivas no comportamento do homem.

Infelizmente muitos seguidores do culto de *Òrìṣà /Ifá* se preocupam mais com as circunstâncias do ritual, seja, se este ou aquele ato foi feito corretamente, se vai haver uma “festa” para o *Òrìṣà* à, se a roupa tem mais brilho ou é mais bonita que a de outras pessoas, em outras palavras, se preocupam mais com o glamour do que com o fundamento, com o objetivo deste importante ato pelo qual esta passando.

No Brasil não existe uma colaboração ou integração entre os templos religiosos, cada um segue de forma geral os rituais passados pelos seus mais velhos, porem muitos desses foram alterados ou ainda perderam sua essência. Assim é comum que entre os sacerdotes exista discrepância quanto aos atos litúrgicos, observamos criticas duras trocadas entre casas de O *Òrìṣà/Ifá*, invalidando os atos feitos por outros e deixando muitos iniciados totalmente perdidos e confusos quanto à veracidade das iniciações que eles receberam.

*Ifá* ensina que não existe uma forma convencionada de se fazer um ritual, o ritual correto é aquele que impulse a transformação interior, contudo existem tradicionalmente dentro de cada seguimento

religiosos, rotinas já consagradas, ou seja, rituais definidos que são passados de geração em geração. Dentro deste contexto é importante lembrar que tudo deve evoluir, então é natural que tais procedimentos sejam aperfeiçoados, ou ainda, adaptados a regiões diferentes daquelas que eles são originados, por exemplo, o *Ifá* praticado atualmente no Brasil, não é exatamente igual aquele praticado na África, simplesmente pelo fato que à cultura Africana é muito diferente da Brasileira, por isso, nós fazemos um *Ifá* brasileiro, “baseado” no *Ifá* nigeriano, sendo assim, já existem aqui adaptações. Essa afirmação contudo não vem para validar o charlatanismo que está impregnado no Brasil no que diz respeito as religiões baseadas na cultura *Yorùbá*. O fato de *Ifá* dizer que não existe uma forma correta de se fazer algo, está relacionado ao fato de que o “rito imita o mito”, ou seja, os rituais são criados pelo homem baseados nos ensinamentos sagrados que estão guardados na sabedoria dos sacerdotes sérios. Por isso, não é correto dizer que o culto de *Ifá* é melhor ou superior ao culto de *Òrìṣà* (Batuque, Candomblé, etc.). Se retirarmos os elementos sincréticos e folclóricos existentes no culto Afro-Brasileiro encontraremos grande similaridade com o *Ifá* tradicional, através de rituais compatíveis com o padrão *Yorùbá*, citarei um exemplo muito simples e incomum nas demais religiões de matriz Africana, em *Ifá* temos o *Ifá* pessoal e o *Èṣù* pessoal que ficam lado a lado, e me

deparei com o *Òrìsà* pessoal e o *Bara* pessoal lado a lado dentro do quarto de santo.

É possível concluir então que não importa em qual tradição você seja iniciado, porque se o *Ifá* fosse o único caminho que provoca-se a transformação interior, o que seriam dos seguidores de outros cultos, como por exemplo os Budistas. O que precisa estar claro para todos é que não importa o ritual e sim a atitude dos iniciados, se cada pessoa não buscar a transformação será inútil seguir qualquer caminho. *Ifá* ensina que: “*TÍ ÍBÌ TÍ AFÈ LÒ KÓ BASE PĀTÁKÍ, GBÓGBÓ ONA NÍ PĀTÁKÍ*”, ou seja, “se o destino não importa, qualquer caminho serve”, em outras palavras, se o homem não tem uma meta digna, não importa qual tradição ele esteja seguindo.

Realizar a transformação interior pode ser alcançada com o apoio do culto de *Ifá* ou com o apoio do culto de *Òrìsà*, a sinceridade nos atos é que cria ligação entre o *Orí* e o *Òrun*.

*Bàbàlòrìsà* Erick - Na Nação Batuque Afro-Gaúcho, a iniciação ocorre proporcionando a transformação do noviço de forma linear e simplificada, sabemos que nos rituais de iniciação do Batuque não há

necessidade de raspar o cabelo, nem mesmo usamos o *Adósù*<sup>6</sup>.

Conforme registamos na 11ª Edição Revista *Olorun*, Dez 2012, no artigo A Descendência Do *Òrìṣà* E A Sua Sobrevivência Na Iniciação No Batuque , Mogba Rudi informa que:

[...]

Na iniciação no Batuque não é praticado o ato da raspagem dos cabelos do novo adepto e também não pratica o ritual do *Adósù*[6] realizado por outras religiões Afro-brasileira [...] (Rudinei e Erick)

A iniciação se dá, sem a necessidade da raspagem, por que o seguimento religioso se consolidou pela ancestralidade real, recebendo como herança dos nossos ancestrais religiosos.

[...] na tradição de *Òrìṣà* da África Ocidental é preciso fazer a iniciação com *idósù* para se consagrar e *Òrìṣà-nlà*. Somente alguns sacerdote” de níveis elevados “não precisam” fazer *idósù*, porque pertencem a certas casas onde tem o *àṣe* do *òrìṣà* no seu corpo por herança. Para estas pessoas se faz uma cerimonia de instalação de governo com titulo para fazer sacerdotes principais. Mas para o resto do mundo,

---

<sup>6</sup> *Adósù* – Um amálgama de vários elementos de origem vegetal, mineral e animal que são colocados na cabeça do neófito durante a iniciação, sacralizando-o ao *òrìṣà*.



precisam *idósù* [...] (Aiukulola Fawehinmi)

Este texto trouxe para os sacerdotes da Nação Batuque Afro-Gaúcho fortalecimento para o seu título e religião, onde sabíamos que a diáspora do Candomblé e Ifá no Brasil, considerava validas apenas as iniciações com raspagem e *Idósù*.

Temos outro ponto que precisamos reportar: Se a ligação do indivíduo com a divindade é despertada através do *Idósù*, e o transe é confirmado e restabelecido através desta iniciação e ritual, porque *Ogã*<sup>7</sup> e *Èèkéjì*<sup>8</sup>, que são raspados e recebem o *Idósù*, não entram em transe? O canalizador da divindade não é feito pelo *Idósù* então?

Para ser *bàbàlòrìsà* na Nação Batuque não precisa estar possuído pela divindade, podendo passar por todos os rituais até para sacerdotes, sem que ele entre em transe nem uma vez, o que também é diferente nas demais religiões Afro-Brasileira, o que neste momento precisamos revelar que, para que haja iniciação nestas mesmas religiões, o

---

<sup>7</sup> *Ogã* – Indivíduo que recebe o cargo de tocar os instrumentos de percussão ou cantar durante os rituais no templo, que pode ou não passar pela raspagem, que possui cargo e direitos dentro de um templo.

<sup>8</sup> *Èèkéjì* – É aquela que deve vestir e dançar com a divindade no barracão.



indivíduo é recolhido para iniciação em transe, ou seja, ele entrou em transe e não foi através da raspagem, nem do *Idósù* e muito menos este transe foi causado pelos sacrifícios que seguir após a raspagem.

Nos rituais do Batuque, nem todas as iniciações precisam serem acompanhadas de toques e festas, elas podem decorrer em silêncio, apenas com a presença de algumas divindades durante determinados rituais.

Entre os rituais do Batuque nos deparamos com as cerimônias para *Orí* e rituais para *Òrìṣà*, que poderá ter sofrido fusões, e reconstruídos em suas ritualísticas, o que não quer dizer este seja o padrão para todas, há templos que separam os rituais de *Orí* e *Òrìṣà*.

Para que possamos entender, observaremos que o *Borí*<sup>9</sup> ministrado pelo Batuque é efetuado com apoio das divindades num mesmo ritual é ofertado sacrifícios para o *Òrìṣà* pessoal deste indivíduo, o que por muitas vezes o *Òkúta*<sup>10</sup> da divindade irá comer junto com o *Borí*.

---

<sup>9</sup> *Borí* – ritual para alimentar *Orí*, conforme mencionado acima, esta *orí* não refere-se a cabeça física.

<sup>10</sup> *Òkúta* – determinadas pedras com formatos e cores diferentes que são usadas para assentar a divindade.

Nas casas que fazem *borí* com *Òrìṣà*, considera-se que *Orí* está comendo junto com *Òrìṣà* no *Borí*, e *Orí* não é a divindade do iniciado, quando o *Òrìṣà* daquele indivíduo comer, *Orí* poderá ficar de fora, simplesmente por que neste processo, é dado de comer para a divindade do iniciado na cabeça, e a seguir comem as passagens, ou seja, as demais divindades que completam aquela iniciação, incluindo sacrifícios no corpo e nas pernas...

Porem não menos importante, mas quase em desuso o *Oríbíbó*<sup>11</sup>, é um ritual praticado apenas para *Orí*, quando é possível que ele coma sozinho, independente da cantiga que tire, que estará comendo sempre será *Orí*.

Já no *Borí* há *quartinha*, *manteigueira*, *cabelo*, *moedas* ou *búzios*, ao montar o *Igbá+Borí* pode sofrer algumas variantes nos materiais, onde algumas famílias usam a quantidade de *búzios* conforme o numero da divindade do indivíduo, porem o numero mais encontrado é o oito, que por muitos é considerado um numero de *Òòṣàálá*.

---

<sup>11</sup> *Oríbíbó* – Alimentar *orí*, neste ritual sacrifica-se apenas um casal de pombos para *orí* na cabeça do iniciado. Dispensa *quartinhas* e *louças*.

Vale lembrar que pesar de conceituar o *Borí* feito apenas para *Orí*, nada impede que o sacerdote faça sacrifícios para divindades antes do *Borí*.

*Bàbáláwo Ifádámiláre* - Segundo os ensinamentos de *Ifá*, o *Odù Ogbè Mejí* emerge do *Odù Òfún Mejí*, simultaneamente a isso, *Qbàtálá* emerge de *Olódùmarè*. *Qbàtálá* por sua vez não foi criado, ele se destaca da energia da própria Divindade. É também no *Ogbè Mejí* que é criado o *Orí*, sendo que todos os atos para *Orí* geralmente são realizados com marcações de *Ogbè Mejí*, tradicionalmente o número oito foi associado a este *Odù*, simbolizando o ato infinito que mantém a criação. Decorrente da forte relação de *Qbàtálá* com *Ogbè Mejí*, o número oito passou também a ser um símbolo em seus assentamentos. Iguamente o número oito é associado aos assentamento de *Orí*, esta relação estreita relação com *Qbàtálá*, acabou gerando um falso conceito que se cultua o *Orí* em conjunto com o *Òrìṣà*. No *Ifá* isso não é procedente, o *Orí* possui um culto próprio, desassociado ao de *Òrìṣà*.

*Bàbálòrìṣà* Erick - Acreditamos que não seja apenas uma mera coincidência, apesar do Batuque não necessitar consultar um *Bàbáláwo*, *Ifá*, nem a *Odù*, para iniciações e rituais, sabemos que

existe a possibilidade de inúmeras culturas terem influenciado ou ajudado com seus conceitos, u em ultimo lugar sabemos que o culto a *Obàtálá*, está presente no Batuque, logo podemos confira que os ancestrais do batuque sabiam o que faziam.

Da mesma forma que ao falar com sacerdotes mais antigos a maioria desconhecia a personificação de *Olódumarè*, para a maioria, a maior divindade sempre foi *Obàtálá*, a qual vinculavam o poder e julgamento de se poderia ou não determinada divindade ser iniciada na cabeça de alguém, sendo assim *Obàtálá* era o único que sancionaria em caso de dúvidas, e poderia ou não interferir em determinados rituais, e, ou iniciação. Acreditamos que assim foi que delegaram a sua forma o poder a divindade geradora do *Áiyé*.

Sabemos o oráculo do Batuque não usa o sistema de *Ifá* nem mesmo está baseado nos *Odù*, este oráculo está em contato direto com as divindades, apadrinhado por *Òrúnmilà* a divindade da sabedoria e dos oráculos, sabemos que para que um indivíduo seja iniciado para *Ifá*, não basta ter um oráculo seja ele qual for, mesmo sendo consagrado para *Òrúnmilà* como divindade gestora daquele oráculo.

Diante de tal colocação é preciso destacar que a imperial do Batuque,

é um sistema oracula que apoia-se nos búzios para consultar as divindades num dialogo direto e apropriado para o culto a *Òrìṣà*. Neste momento podemos consultar cada divindade que pertença ao culto da Nação Batuque e nos oriente nos desejos e vontade de cada ritual. Assim também acreditamos que seja feito com *Orí*. O que em determinado momento de fusão entre ritual do *Borí* e culto às Divindades, houve um pequeno erro conceitual, onde vimos que o *Igbá-Borí* passou a comer junto com o *Òkúta* do *Òrìṣà*.

Sabemos que *Igbá-Borí* e *Ebo* para *Òrìṣà*, são distintos, e mesmo que fossem se apoiar no *Òrìṣà* do indivíduo para alimentar *Orí*, a divindade *Orí* encontraria dificuldade, pois *Orí* não possui passagem corpo ou pernas, *Orí* é único e não partilha com demais divindades o que lhe é servido. Por isso, ao encontrar numa mesma bacia *Igbá-Orí* e *Òkúta-Òrìṣà*, poderemos estar negligenciando *Orí*.

E não podemos justificar erros do passado ou conceitos que não se explicam em cima da fé. Pois os rituais são elaborados e conceituados para a realidade do povo, podendo sofrer algumas alterações, porem quando está muito distante da cultura a qual serviu como base ele perde o conceito e fundamento.

*Bàbáláwo* Ifádámiláre - Vale frisar ainda dentro do contexto oracular, até mesmo o jogo de búzios existente no Candomblé, conhecido como “por *Odù*”, o contato não é feito por *Òrúnmilà*, ou seja, quem responde neste sistema é *Èṣù*, portanto não pode ser considerado um Oráculo de *Ifá*. Tradicionalmente o sacerdote de *Ifá* faz uso do *Òpèlè*<sup>12</sup> e dos *Ikin* para “falar” diretamente com *Òrúnmilà*, eventualmente ele pode usar búzios, caso o iniciado em *Ifá*, não tenha conhecimento suficiente para lidar com os oráculos de *Ifá*, porem o sistema é diferente do sistema afro-brasileiro.

Resumindo, o oráculo existente no culto de *Òriṣà* tem acesso as respostas por intermédio dos *Òriṣà* enquanto o Oráculo de *Ifá* tem *Òrúnmilà* como responsável.

*Bàbàlòriṣà* Erick - Bem colocado, pois vale lembrar que a imperial baseia-se no jogo voltado para cada divindade, e apesar do jogo ser consagrado por *Òrúnmilà*, sabemos que a divindade mentora do indivíduo que irá reger aquele jogo, ou seja, a imperial terá uma passagem maior para determinar a divindade responsável pelo oráculo

---

<sup>12</sup> *Òpèlè* – corrente intercalada com oito sementes côncavas para prática de consulta divinatória de *Ifá*.



daquele indivíduo, demonstrando que apesar de receber as bênçãos de *Òrúnmilà*, existe uma grande variante de divindades que se responsabilizam por aquele oráculo, sendo assim, cada imperial confeccionada terá uma divindade responsável, esta estará ligada a iniciação do sacerdote, e todas as demais divindades se reportarão para esta divindade, de forma que a última palavra cabe a esta divindade.

### **Informação dos sacerdotes**

*Bàbálòrìsà* Erick *Òsàálá* Diretor do templo Ilê Axé Nagô Kóbi, iniciado em para *Óbokún*<sup>13</sup> um *Ìkójopò-òsà*<sup>14</sup> no culto à *Òsàálá*, no *òrìsàísmo* Afro-sul.

[www.olorun.com.br](http://www.olorun.com.br)

<http://Iledeobokum.blogspot.com>

*Bàbáláwo* Ifádámiláre Agbole Obemo - Nasceu em família Espirita. Em 1995 conheceu a Umbanda, na cidade de Barra Bonita, interior de São Paulo. No ano de 2004 teve o primeiro contato com *Ifá*, em 2007

<sup>13</sup> *Óbokún* - Rei e fundador de *Ijesà*, o filho mais novo de *Odúduwá*.

<sup>14</sup> *Ìkójopò-òsà* - ajuntamento, acumulação ou coleção.



realizou a primeira iniciação com os *Bàbáláwo* Salawu Adisa *Arogundale Ifakunle* e *Bàbáláwo* Ogunjimi *Ifaronmu Aderonmu*. Em 2013 teve a sua iniciação sacerdotal. Em 2014 se iniciou em *Òrìṣà*, no Ilê Axé Nagô Kóbi, Batuque R.S.  
[www.ifaolokun.com.br](http://www.ifaolokun.com.br)

**A LINHA DE INTERSECÇÃO ENTRE A ANTROPOLOGIA E A  
TEOLOGIA: UM DEBATE NO FACEBOOK**

Luiz Antonio da Silva  
Locutor e Radialista  
11/02/2014

A internet já há muito deixou de ser um ambiente apenas para lazer e distração, e o Facebook, apenas um ponto de encontro. Hoje se é possível vermos pessoas dialogando instrutivamente, irradiando cultura e esclarecimento.

O texto destacado abaixo é um extrato do trabalho *A gênese antropológica da religião em Ludwig Feuerbach*, de Felipe Assunção Martins, graduando de Filosofia na Universidade Federal de Goiás, que foi disponibilizado por Luiz L. Marins, em sua página no Facebook, e trata da visão da antropologia versus teologia, e da possibilidade de um ponto comum entre os dois.

Esta pequena fala talvez publicada despretenciosamente, gerou um proveitoso debate, instrutivo e revelador, cujos protagonistas, Luiz L. Marins, Hendrix Silveira e Valney Vianna proporcionaram reflexões importantes, e sobre as quais todos nós deveríamos pensar, na área das religiões afro-brasileiras.

Pautando por um debate livre, sem o rigor acadêmico das longas citações e referências, os autores oferecem momentos relevantes: Valney Vianna pergunta sobre a linha de intersecção, Luiz L. Marins

explica sobre o motivo de criar o termo “acadafro”, e Hendrix Silveira mantém a posição conservadora. Vale a pena ler.

**SIGLAS UTILIZADAS:**

TMA – Tradições de Matriz Africana

RTY – Religião Tradicional Yorùbá



**Luiz L. Marins**

19 de janeiro

A GENESE ANTROPOLOGICA DA RELIGIÃO EM FEUERBARCH, por Felipe Assunção Martins, Filosofia, UFG

A tentativa de traduzir todo o conteúdo da religião em termos antropológicos, quer dizer, de demonstrar em *A Essência do Cristianismo* como os atributos antes atribuídos a Deus são, na verdade, atributos do homem, revela, de um lado, um enfoque negativo dado por Feuerbach à concepção teológica da religião e, de outro, um julgamento positivo em relação ao conteúdo autêntico da religiosidade mesma. O reconhecimento de que a religião revela sempre algo sobre o homem (de maneira disfarçada em Deus) e de que os predicados de Deus são, na verdade, as qualidades genéricas do homem, comprovam como Deus é um espelho do homem e que esse, ao olhar para ele, deve enxergar apenas a si mesmo. Feuerbach mostra, ao reduzir a religião (e a Teologia) à antropologia, que:

Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades

[www.inquietude.org](http://www.inquietude.org)

---

A Gênese Antropológica da Religião em Ludwig Feuerbach

ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor. (*ibidem*, p.44)



Luiz L. Marins

O mesmo vale para os seguidores do Orixáismo, quando colocam suas virtudes e defeitos sobre as divindades por eles entronizadas.



Hendrix Silveira

Aí está a diferença entre o discurso antropológico e o teológico. No antropológico o discurso é centrado no homem (antropos); já no teológico o discurso é centrado no transcendente (teos). Assim os antropólogos sempre vão dizer que os Orixás possuem adjetivos humanos, enquanto que os teólogos têm que dizer que os seres humanos é que possuem os adjetivos dos Orixás.



Luiz L. Marins

kkk, Hendrix Silveira, é o jogo do gato e o rato ...



Hendrix Silveira

Então... Entendo a Antropologia como ateia na sua origem. O antropólogo até pode ser crente, mas sua análise será sempre como se não fosse. Tudo em nome de uma suposta razão científica que se pretende imparcial, mas que não é. Como diz o Prof. Jayro Pereira de Jesus: as tradições de matriz africana estão cheia de antropólogos. Precisamos é de teólogos.



Luiz L. Marins

Sim, concordo, não sou contra fazer teologia, ao contrário, acho excelente. A questão é: qual teologia será feita? E por quem? Esta teologia inclui Noção de Pessoa?



Hendrix Silveira

A teologia só pode ser feita por teólogos, por nenhuma outra questão senão a qualificação na proposta de uma reflexão teológica a partir de referenciais teóricos e metodológicos desta área do conhecimento. Na Teologia existe uma disciplina chama Antropologia Teológica que



intenciona fornecer noções conceituais para compreender a realidade do ser humano em relação a seus semelhantes, com o mundo que o cerca, e com o transcendente, em vista de sua ancestralização, trazendo para a Teologia Afro. Também é tema da Teologia a Ontologia, ou seja, o estudo do ser enquanto ser. É o que os antropólogos chamam de "noção de pessoa".



Luiz L. Marins

Concordo que a teologia só pode ser feita por teólogos... Assim, pergunto, autores como Pierre Verger (e outros) estariam excluídos?



Hendrix Silveira

Não porque a afro teologia, enquanto disciplina acadêmica, é nascente. Por isso ainda temos que beber muito em caras como Verger, Bastide, Ramos, Rodrigues e outros considerados clássicos da Antropologia, porque foram eles que produziram. Mas devemos ver neles fontes de informação e não como referencial teórico, ou seja, lê-los com lentes teológicas. Infelizmente os teólogos que escreveram sobre as TMA são cristãos, logo, embora tenham feito um bom

trabalho, tendem a subqualificar a nossa tradição e alegar o cristianismo como melhor acabado. Por isso as hermenêuticas têm que ser apuradas.



Luiz L. Marins

Como vê a mitologia, como uma das bases para a teologia?



Luiz L. Marins

Isto já virou entrevista, kkkkk.



Hendrix Silveira

A mitologia é a base da Teologia. Ou melhor. Toda Teologia é epistemologicamente realizada a partir das Histórias Sagradas da tradição religiosa cujo teólogo se propõe a estudar. Os cristãos confrontam tudo com a bíblia, sua mitologia, os hindus nos Vedas e a TMA no que sugeri chamar de *onimo mefá*: *Ifá, orin, owe, oro, adura e oriki*. Poderia substituir *Ifá* por *itan* para ser mais abrangente, mas

entendendo que todos os *itan* fazem parte do *Ifá* de alguma forma, então prefiro usar o termo Ifá.



Luiz L. Marins

Sobre o Teísmo e Deísmo nas religiões afro-brasileiras, qual seria a visão do teólogo?



Hendrix Silveira

Como o oro é importante para essa tradição, o deísmo não cabe nessa teologia.



Luiz L. Marins

Poderia explicar por que, resumindo?



Hendrix Silveira

Pô, pedir pra eu resumir algo é o mesmo que pedir pro papa casar com a Monica Bellucci. Kkkkk



Hendrix Silveira

O conceito mais básico de Deísmo é que são a crença num Deus que não está vinculado a nenhuma instituição religiosa. Então, a tradição afro fica de fora disto, pois há uma institucionalização de Deus e das divindades.



Luiz L. Marins

Tenho noções básicas, só queria entender porque não caberia nas TMA. Neste caso então, as TMA seriam teístas?



Hendrix Silveira

Creio que sim.



Luiz L. Marins

Penso que o trabalho do *Ile Eko* poderia começar com noções básicas de teologia, como estas que falamos aqui.



Hendrix Silveira

Existe algo nesse sentido, mas não exatamente como está aqui. Contudo o Projeto já foi concluído e não sabemos se daremos uma continuidade neste ano.



Valney Vianna

Alguns dos Senhores poderia citar ima intercessão (se ha) entre a antropologia e a teologia?!



Hendrix Silveira

Juana Elbein dos Santos.



Luiz L. Marins

Bom dia! Eu chamaria esta linha de ressignificação ou reinterpretação (para não dizer manipulação). A antropologia sem interpretação da cultura estudada seria apenas uma bela reportagem. Esta foi a crítica de Juana a Verger. Ele não interpretava. Por outro lado, a

reinterpretação ou reconstrução teológica, seja por teólogos, ou não, é sempre perigosa, se não feita com honestidade, pois se correrá sempre o risco do conceito pessoal sobrepondo-se ao coletivo. No momento de conceituar, o homem religioso pode falar mais alto que o cientista, e neste momento, a tentação da improbidade não pode ser descartada. É o caso do personagem que chamo de "acadafro", que fala coisas acadêmicas ao povo de santo, que não tem acesso a tais; e fala de coisas iniciáticas aos seus pares na bancada, os quais não tem conhecimento de iniciações. Ele (o acadafro) circula livre nas duas mãos para fazer o que bem entende. A meu ver Valney, esta linha de intercessão é sempre perigosa.



Valney Vianna

Nasce aí um paradigma...!



Valney Vianna

Ou, recorramos a epistemologia citada, pois, essencialmente sua orientação, visa unir e ou detectar as tais intercessões. Ou não é isso?!



Luiz L. Marins

Sim, é isso. Mas a ressignificação e a reinterpretação de valores é válida, por vezes, providencial e necessária. A questão esbarra na proibidade, geralmente ditadoras, destas reinterpretações ou revisões de valores.



Valney Vianna

Em tempo, o "acadafro" (vou supor que se trata alguém "de dentro" que hoje cursa uma academia) "terá", dependendo de sua posição na tradição a capacidade de (re) interpretar o que quer que seja... Some aí o domínio do idioma.



Luiz L. Marins

Sim. Mas quero deixar claro que não sou contra o acadafro, como pode parecer meu texto. O que chamo a atenção é para o perigoso momento em que o agente religioso, o homem que quer afirmar sua fé, no momento que tem acesso às letras, cede à tentação da improbidade... Quanto à questão do idioma, sim, isto pode ocorrer (e



ocorre mais do que pensa), tornando outro aspecto desta sua linha de intercessão, mas neste caso trata-se de equívoco, e não de improbidade, embora os dois casos possam ocorrer.



Valney Vianna

Entendo isso. Algo como o processo "politico" que criou uma nova gênese com Oduduwa !!!



Luiz L. Marins

Entramos no campo da mitologia, e segundo Hendrix Silveira, ela é base da teologia. Alguém disse em algum lugar, que "não há religião sem mitologia". Assim, será exatamente este o campo que atuará o acadafro situado nesta sua linha imaginaria de intercessão. Ele sabe que ao trabalhar a mitologia, trabalhará sub sequencialmente a teologia (e teogonia), sem correr o risco de ser desclassificado, por "não ser teólogo", e que, se bem fundamentado, influenciará o agente religioso, que aos poucos modificará seu rito, transformando a religião, para melhor ou pior, dependendo a direção que adotar.



Luiz L. Marins

Complementando... Por outro lado, o resgate dos valores religiosos tradicionais alinhados com a matriz africana, só será possível com o trabalho do acadêmico comprometido com a probidade, que através dos textos acadêmicos, saberá rever, reconsiderar, reescrever, repensar, ressignificar, reinterpretar, ou seja, reafrikanizar e a direção homem > < deus, deus > <homem é a linha de intercessão que citou. Isto fica de acordo com a consciência de cada um.



Valney Vianna

A relação Costume X cultura, nesse tocante, deverá ser muuuuuuuuuuito bem avaliada, observada e considerada!



Valney Vianna

É interessante frisar que a identidade étnica (considerando interações que originaram algumas sub etnias) deverá ser, o primeiro passo para até a tal probidade, por vc evocada!



Luiz L. Marins

Disserte Valney, quero ouvir sobre...



Olóòrìsà Rudi Omo Sàngó

Voltei de viagem e vejo posts legais...



Valney Vianna

Luiz, eu não sei se por ser da área de sistemas, tenho por norte sempre estruturar as coisas. Essa coisa de se localizar no universo étnico, para um estudo / discussão posterior, sempre me pareceu o fio da meada.

Só para ter uma ideia, qdo no grupo de estudos ao qual faço parte, contratou uma nativa do Benin para nos ensinar o básico do idioma Fon (fongbe) ficamos estarecidos ao saber que muitos termos e expressões não eram Fongbe. Eram Ewe, Aja, Bariba, Mahi, Yoruba e até francês purinho, mas, que devido a entonação, nos parece algo nativo daquele povo.

Só desta perceptiva, o que nos parecia difícil, fica mais, bem mais difícil, vez que agora, temos que investigar essas interações, pois, o que ou quem nos garante que não ha dentro dos mitos desse povo, tidos como milenares por alguns desavisados cronológicos, um adaptação de uma "historinha francesa", fantasiada de fon...?



Valney Vianna

Esse exemplo, para os "Keturianos" do Brasil cai como luva... Diga-se!



Valney Vianna

Outro ponto, muito pouco considerado, são as fronteiras étnicas. Estas, não as geográficas (po hora) são as verdadeiras fronteiras a serem estudadas e consideradas, para o assunto ao qual tratamos no momento... Note que quando estabelecidas as fronteiras geográficas aos nossos moldes, a coisa vai ficar muito mais difícil.



Valney Vianna

Pra fechar meu raciocínio, sempre digo que: “Em Candomblé, não posso discutir Jeji que não seja Mahi Seja Hunde com quais quer outros seguimentos do Vodun Jeji no Brasil!” Note que com isso, limito meu raio de ação e passo a me conhecer. Depois qdo eu olhar pra meu Vizinho Jeji, poderei identificar as intersecções.. Antes disso, fica difícil quaisquer estudos comparativos.



Hendrix Silveira

Já eu insistiria numa intercessão entre Antropologia e Teologia em Juana Elbein dos Santos. Sua tese (a que resultou no livro "Os nagô e a morte") foi orientada por ninguém menos que Roger Bastide. Seu pioneirismo está em inaugurar uma metodologia que leva em consideração o aspecto êmico do pesquisador, equilibrando a balança do conhecimento acadêmico.

A academia, de forma geral, crê que o pesquisador deve ser neutro, imparcial, na sua pesquisa. O que ocasiona alguns problemas de ordem hermenêutica. Juana nos fala disso na composição dos termos "desde dentro" e "desde fora". Quem produz "desde fora" vê as

tradições de matriz africana de um jeito, enquanto que quem produz "desde dentro" vê de outro.

Essa proposta (análise desde dentro) é velha conhecida da Teologia. E é isso o que ela faz. Outro autor que também faz isso é José Flávio Pessoa de Barros.

Quase que a totalidade das produções sobre as TMAs são realizadas por autores que evidenciam a visão "desde fora" (independente de serem vivenciadores da tradição) porque foram doutrinados por essa academia que é idealizada por valores iluministas que fomentam a universalização dos saberes europeus, em detrimento de outros saberes, e que se imiscuem na propagação do colonialismo e da colonialidade.

A academia é tão perversa que se presta a desqualificar os discursos que não estão imiscuídos com sua missão civilizadora que é colonialista, destituindo-os de importância.

A ideia de um "acadafro" conforme foi exposto aqui é no mínimo perniciososa, porque pretende, sem sombra de dúvidas, desqualificar as pesquisas e discursos do vivenciador das TMAs que estão na academia. Ou seja, partilha do ideal acadêmico de que as TMAs são RELIGIÕES e não TRADIÇÕES, negando assim a sua dinâmica civilizatória e sua possibilidade de refletir sobre si mesma. As TMAs

têm que ficar no seu lugar de exotismo cristalizado para que as futuras gerações de antropólogos e cientistas das religiões tenham um OBJETO de pesquisa, jamais um SUJEITO.



Valney Vianna  
Marcos Arino !!!!!



Luiz L. Marins

Acabei de comprar o livro dele na Amazon, instalei o Kindle, e já estou lendo. Um olho no trabalho e outro no computador.



Valney Vianna  
Opa Luiz, seu livro Obatalá já foi lido duas vezes..rs



Luiz L. Marins

Mas Hendrix Silveira, o aspecto êmico do acadafro é positivo, quando probó. Podemos perguntar em que momento ele corre o risco de ser

Ímprobo? Respondo, no momento que o religioso passa à frente do pesquisador. Este, penso, é o fio da navalha, da linha imaginária de intersecção proposta pelo Valney. É neste momento que o homem religioso cria deus à sua imagem, por ele, e para ele, manipulando as massas para enraizar seu pensamento. É este o perigo que falava Verger.



#### Hendrix Silveira

Mantenho minha posição diante do teu argumento, pois questiona a ética do vivenciador de uma TMA que é acadêmico. Esse questionamento está profundamente enraizado nos princípios cartesianos de ciência que descredibiliza a religião, que acredita numa neutralidade científica, etc., etc. Para quem é adepto dos Estudos Pós-Coloniais, como eu, esse pensamento é entendido como colonialista, porque eurocêntrico.

Por outro lado, a perniciosidade da ideia de um acadafro está na resolução de que o vivenciador das TMAs tem que ser um não acadêmico ou melhor, um não estudioso, pois assim ele apenas repetiria o que aprendeu no terreiro não influenciando em nada sua tradição. Traduzindo: ostracismo cultural.



O prof. Dr. Vítor Westhele me perguntou na minha banca: o que é a verdade? O que acredito ou o que posso provar? Para a Teologia essa pergunta é importante, porque se disseres que é o que se pode provar, então é possível questionar a existência de Deus, dos Orixás, dos ancestrais e de todo o mundo imaterial.



Luiz L. Marins

Penso diferente... O acadafro não é uma "ideia" perniciosa. Ele é um personagem real nas TMAs, e que influencia positiva ou negativamente a liturgia na diáspora. A questão não é o rótulo do personagem em si, por que é graças a ele que muitos aspectos da RTY têm sido divulgados nas TMAs, mas sim (em alguns casos) a probidade com que ele usa a posição privilegiada que tem, como formador de opinião (e talvez de ritos). Não há como negar isso.

O agente religioso impressiona-se com a quantidade (e qualidade) das informações que lhe são apresentadas, mas não tem acesso a estas informações para checar até que ponto é verdade, e jamais questionará um Prof. Doutor, que também é um religioso.



Hendrix Silveira

Volto a dizer que isto é um questionamento sobre ética. O problema é identificar que ética é esta. Pois visivelmente é sob os pressupostos que essa antropologia eurocêntrica e reprodutora dos colonialismos impõe.

Para essa antropologia as TMAs são o totalmente outro, ou seja, o locus não-europeu do qual se originam os saberes ocidentais. Por isso, para eles, o vivenciador que ousa entrar na academia é alguém perigoso, pois pode influenciar o exótico (ex opticus = fora dos olhos, das vistas, o que não é comum vermos) com outros saberes que não o do seu lugar étnico, pois para essa academia tudo o que não está alicerçado na razão científica notadamente a europeia, então é étnico. Outra forma de dizer isto é que, tudo o que não é macro (produzido pela visão de mundo europeia), é micro (produzido pela visão de mundo étnica). E o micro é essencial para que os antropólogos tenham o que pesquisar.



Hendrix Silveira É uma ideia no sentido que tu crias um termo em que há um conceito que o define. E o defines negativamente. A minha pergunta é: porque ninguém se preocupa com o "acadecristão" ou com o "acadislã"?



Hendrix Silveira

E qual é o problema de algo ou alguém influenciar "positiva ou negativamente a liturgia na diáspora"? O que é positivo e o que é negativo?



Jair D Odé

Olá Luiz, eu recebi seu livro parabéns pelo belo trabalho.



Luiz L. Marins

Respondendo a Hendrix Silveira.. Positivamente, nenhum problema. Negativamente, todos.. O acadafro positivo usa sua posição privilegiada de acadêmico e agente religioso para realinhar a filosofia,

a teologia, os conceitos, e os ritos das TMAs com as matrizes africanas (até onde for possível). Já o acadafro negativo, ainda que se apresente como defensor das culturas africanas manipula textos para provar conceitos pré-concebidos, busca condicionar as TMAs a adotarem uma teologia e noção de pessoa que não existem na RTY, faz reinterpretações pessoais da herança fonética, apresentadas como se fossem verdadeiras traduções, etc. É sobre este último que nos avisou Verger. Felizmente, a maioria dos "acadafros" é positiva.



Hendrix Silveira

Pois é... Como perguntei antes o que é positivo e o que é negativo? Mas poderia até refazer a minha pergunta: quem diz o que é positivo e negativo? Em minha opinião realinhar os ritos das TMAs com a RTY pode ser muito negativo se intentar aproximá-las desfazendo o que existe há séculos em nossas terras, ou seja, destruindo as TMAs. Já a tentativa de interpretação das TMAs, norteadas pelas interpretações dadas pela RTY considero positivo. De fato é o que temos feito. Não desdenhamos do Batuque, Candomblé, Tambor de mina, etc. Pelo contrário, buscamos a sua manutenção, contudo questionamos as interpretações que são dadas aos seus ritos e itans/Histórias Sagradas (não uso mais o termo "mitos" porque entendo que o seu uso tem

intenções colonialistas) e só as questionamos porque entendemos que elas são fruto de um epistemicídio orquestrado pela sociedade dominante na intenção de inferiorizar as TMAs.



Hendrix Silveira

Claro que não deixei de notar que criaste o termo acadafro com a visível intenção de rotular a Juana Elbein dos Santos. Daí eu me pergunto se seria Roger Bastide também um acadafro, já que foi ele quem a orientou. E Verger? Ele era apenas um playboy que mal terminou o ensino médio e nunca fez faculdade. Seus escritos eram organizados por outras pessoas para ser publicado, inclusive por José Flávio Pessoa de Barros. Será que ele também é um acadafro? Afinal seu livro Orixás também influenciou muitos terreiros, inclusive aqui no RS.



Hendrix Silveira

O que me preocupa mesmo é a participação ativa dos brancos nas TMAs. Os brancos estão levando sua branquitude para dentro dos

terreiros e é isso que está destruindo as TMAs e não os acadêmicos. Estes últimos ao menos passam por um conselho de ética.



Luiz L. Marins

Gostaria de lembrar que o tema principal é a Teologia x Antropologia, baseado na dissertação oferecida de Martins. O tema "acadafro" é tangencial. Entretanto, como houve comentários, são necessários esclarecimentos.



Luiz L. Marins

O termo "acadafro", que idealizei, não tem a finalidade de rotular a ninguém especialmente, mas sim, uma classe de personagens ativos nas TMAs e RTY, sendo que sua definição não é, nem negativa, nem positiva. Quem o torna positivo ou negativo é o personagem em questão, não o termo em si. Há centenas de acadafros no Brasil, e generalizar o termo negativamente, seria uma ABSURDA falta de respeito.



Luiz L. Marins

Idealizei o termo durante minhas pesquisas para escrever o artigo "*Èsù Òta Òrìṣà*", e se há um personagem que me inspirou, foi P. Ade Dopamu, autor do livro "Exu, o inimigo do homem". A princípio foi idealizado para classificar os acadêmicos da Nigéria que escrevem sobre Ifa-Orixá, iniciados ou não.

Ao notar a facilidade que tinha de "transitar" entre as Universidades e os templos religiosos, e de usarem seus títulos religiosos para criarem textos na direção que desejavam conduzir os iniciados, pensei "esses caras são uns acadafros, eles fazem e ditam o que querem". Daí a origem do termo. Entretanto, no campo das religiões afro-brasileiras limitou-se apenas aos acadêmicos iniciados.



Luiz L. Marins

Claro que Juana, Verger e Bastide são acadafros. Positivos ou negativos dependem do alinhamento deles com a RTY. Este alinhamento é o fio da navalha, a linha de intersecção que falou Valney Vianna. É sobre esta tênue linha que o acadafro poderá passar da neutralidade,

à religiosidade, sem perceber. Se probro ou ímprobo, dependerá de cada um.



Hendrix Silveira

É... Fiquei um pouco menos arredoio... kkkkkk... Mas só um pouco.



Luiz L. Marins

Realinhar positivamente a liturgia e a mitologia do Batuque com a RTY, sem descaracteriza-lo demais, tendo, porém a coragem de reformular, resgatar, e eliminar o que está desalinhado, é o grande desafio dos acadafros. Que apareçam os candidatos e os temas.



Hendrix Silveira

Pois é. Mas daí tem a ver com o tipo de afro-religioso que se é. Eu sou do tipo conservador, por isso não aceito de jeito nenhum mudar absolutamente nada da liturgia. Só aceito fazer releituras teológicas e filosóficas. Mas também existem os ortodoxos (que não se permitem



mudar nem o que se pensa sobre o culto); e os liberais ou progressistas (acreditam nas mudanças inclusive litúrgicas).



Luiz L. Marins

Neste caso, só resta-me apelar para a Constituição Brasileira: No artigo 5º da Constituição Brasileira (1988) está escrito:

“VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;”

## 1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate pautou pela visão que o homem cria deus e coloca nele suas qualidades e defeitos, contestado pela visão da fé, onde o divino é aquilo que o homem acredita.

A linha de intersecção apontada por um dos interlocutores terminou por apresentar uma denominação até então inédita de um personagem já razoavelmente antigo, mas cada vez mais atuante, tanto nos meios acadêmicos, como nas religiões de matriz africana: o *acadafro*.

O questionamento final do debatedor Hendrix Silveira, é um convite ao leitor para refletir este tema, e procurar responde-lo.



Nós fazemos uma religião baseada no transe, mas na África a religião é baseada em orações e obrigações... O transe é secundário. (Luiz L. Marins)

[www.olorun.com.br](http://www.olorun.com.br)

## O ENSINO DO OMO IFÁ NO OCIDENTE



**Solagbade Popoola**

24/01/2014

Um *Áwo* *Qmo* é alguém sob o tutela de um *Áwo*. O *Qmo* *Áwo* vive tradicionalmente na casa do *Bàbá Ifá*, limpa a casa, cuida dos convidados, recebe materiais para sacrifícios, quando necessário, realiza rituais sob a orientação de seu *Bàbá*, e pode até cozinhar ou fazer outras tarefas em troca de do aprendizado dos rituais de *Ifá*, o conhecimento, a ética, a moral, músicas, cânticos, etc., sem troca de dinheiro, porque o trabalho é o que foi a moeda de troca para aprender. Em muitas partes da terra *Yorùbá*, este ainda é o processo.

Para ser *Bàbáláwo* ou *Ìyánifá* demora. Para aprender o seu ofício e ser autorizado a partir de seus estudos para tornar-se sacerdotes, varia de 5 a 10 anos, em média, dependendo da forma como o *Qmo* *Áwo* aplicar-se nos estudos.

Eu ainda penso que esta é a melhor maneira de aprender *Ifá*, mas também estou ciente que os ocidentais não são capazes de fazer esse tipo de sacrifício por várias motivos. Por isto, eu acredito o aprendizado pode ocorrer até mesmo no exterior por meio de uma combinação de uso da tecnologia (vídeo chats), e também visita à Nigéria, pelo menos uma ou duas vezes por ano.

Todos os *Bàbá Ifá* devem ter um programa claro e um currículo comprovado, para dar ao *Omọ Áwo* uma base firme de todos os rituais básicos, medicamentos, cantos, músicas, ética, filosofia, etc. Este programa pode ser de um ou dois anos para os fundamentos básicos.

Depois que os fundamentos forem aprendidos pelo *Omọ Áwo*, este, a fim de aprender o que distingue um *Bàbáláwo* e um *Omọ Áwo*, deve fazer viagens para a Nigéria para continuar seus estudos. Com o aprendizado básico através de vídeo chat, será mais fácil para o *Omọ Áwo* planejar quando irão à Nigéria. Quanto às aulas, eu sinto que devem ter um preço justo para com a educação *Omọ Áwo* está recebendo.

Esta forma pode não ser tradicional, pelo menos, proporcionará aos ocidentais a oportunidade de aprender a uma distância, pelo menos, o básico para ser sacerdote de *Ifá*.

Eu entendo que tanto o *Bàbá* como *Omọ Áwo* deve ser responsáveis. Da parte do *Bàbá Ifá*, o ensino na sequência correta e dando boas

explicações, e da parte do Om̃ Áwo, comprometendo-se a aprender e a estudar, usando da ética de Íwà.

Estes são os meus pontos de vista sobre da matéria. No entanto, quero esclarecer, que um Om̃ Áwo é como alguém estudando para ser padre. Um Áwo Om̃ não será Bàbáláwo estudando Ifá por conta própria através de livros , vídeos , gravações ou anotações.

FONTE: <https://www.facebook.com/solagbade.popoola.7>

Adaptação: Luiz L. Marins

CULTURA YORUBA

<http://www.luizmarins.com.br>

<http://culturayoruba.wordpress.com>

**ÒYÓ REJEITOU O CULTO DE IFÁ**

Luiz L. Marins

[www.luizlmarins.com.br](http://www.luizlmarins.com.br)

<http://culturayoruba.wordpress.com>

22/03/2014



## RESUMO

Este artigo estuda a hipótese da geomancia ser uma das bases para a formação do oráculo de *Ifá*, e fornece evidências de que o culto do orixá já existia e possuía seu próprio oráculo antes da introdução da geomancia entre nagôs da África Ocidental.

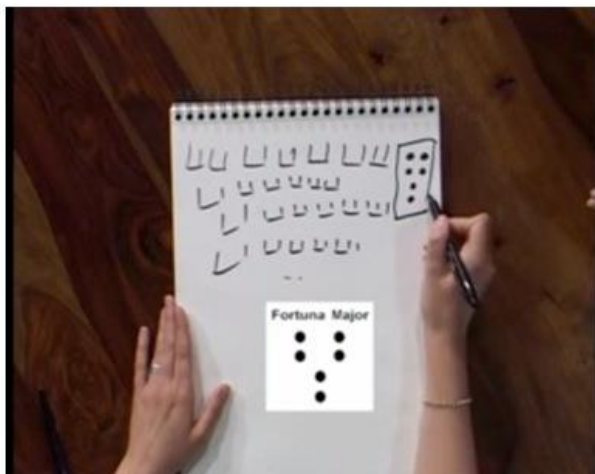
PALAVRAS CHAVES: *Ifá*, *Òrìṣà*, Oráculos africanos, Geomancia.

A Geomancia é um oráculo marcado na areia cujos resultados culminam com um signo geomantico. Vemos abaixo algumas imagens tomadas da Internet, sem referências de local ou etnia, mas que exemplificam bem o tema deste trabalho:





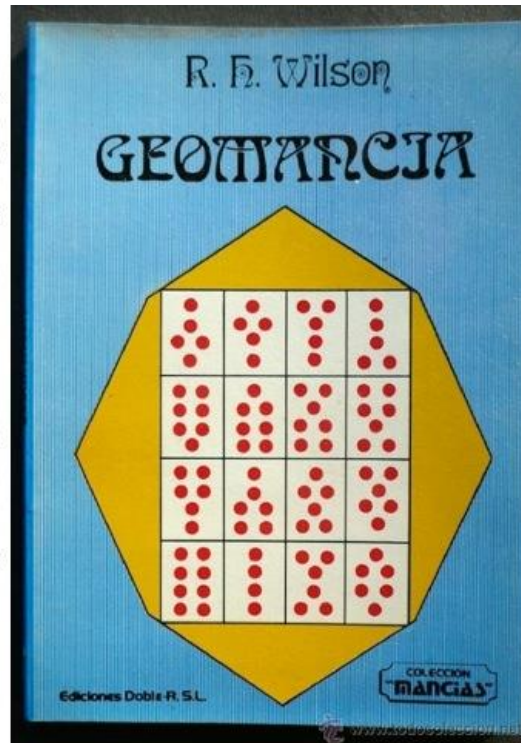
<http://vimeo.com/27200909>



Atualmente usam-se marcações com caneta e papel, como pode ser visto na imagem acima. Não há mitologia ligada aos signos geomânticos, limitando-se o vaticínio ao significado geral do signo divinatório.

Não se sabe as origens da geomância, se africana, se asiática, se árabe. Seja como for, difundiu-se em variantes astrológicas também na Europa. Há vários livros sobre o tema, sendo um deles este que aparece nesta imagem:

Na África a geomância está presente em inúmeras etnias. Em cada uma, a nomenclatura e a forma mudam, mantendo-se, porém os mesmos sinais divinatórios.



Uma fonte muito rica de informações, de como ela se desenvolveu em diversas etnias africanas, é o texto "Analyse structurale des géomancies comoriennes malgaches et africaines" de J. Hebert, publicado no *Journal de La Societe des Africaniste*, 1931, tomo 31, fasc. 2, p. 115-208.

O artigo está disponível aqui (copie e cole):

<https://docs.google.com/file/d/0B5sqoTnNikiKcUhnODIDaWxyX2c/edit>

Forneceremos algumas imagens de outras obras que mostram os sinais geomânticos como signos divinatórios, para melhor entendimento de nosso propósito:

TABLEAU 2.

Les seize figures du Sikidy d'après Flacourt.

















			
1 alchotei aequetio	2 adalou enasio	9 alacarbo uoz	10 alioozam uozia
			
3 alihisa lestitia	4 aliochisa tristitia	11 adabere minor fortuna	12 alaudati major fortuna
			
5 alacaloesi caput draconis	6 carisa cūda draconis	13 asenboule populus	14 taroche via
			
7 alchomori albus	8 alibiavou rubens	15 allieima conjonctia	16 aloocla carcer

FIG. 9. — Flacourt a également donné à cette figure l'appellation alchisa (la balance). On constate, par ailleurs que les appellations latines données par Flacourt pour les figures 9 et 10 sont interverties : 9 est la jeune fille, et 10 le garçon, et non le contraire.

APRÉSENTÉ.

J. Hebert, Analyse Structurale des Geomancies Comoriennes, malgaches et Africaines, in, *Journal de La Societe des Africaniste*, 1961, 31, 2, 115-208

SIGNES DE LA GÉOMANCIE

N°	signes	nom	N°	signes	nom
1	•••	Via (la voie)	9	••••	Cancer (le prison)
2	••••	Amisio (la perte)	10	•••••	Lasitia (le joie)
3	•••••	Acquisio (le gain)	11	••••••	Fortuna major (grande fortune)
4	••••••	Populus (l'assemblée)	12	•••••••	Allou (le filon)
5	•••••••	La queue du dragon	13	••••••••	Trinitia (la tristesse)
6	••••••••	Puer (le jeune homme)	14	•••••••••	La tête du dragon
7	•••••••••	Fortuna minor (petite fortune)	15	••••••••••	Conjunctio (l'union)
8	••••••••••	Puella (la jeune fille)	16	•••••••••••	Rubeus (le rouge)

L'occultiste auquel nous nous référons (1) pense que les quatre premiers signes sont les symboles des quatre éléments : l'air (signe 1); le feu (2); l'eau (3); la terre (4); Les douze autres proviendraient de ces bases combinées entre elles suivant le procédé de génération qui va être indiqué ci-après; ainsi, 1 et 2 donnent 5 (air-feu)

(1) Dr Sear: *L'Art de voir l'avenir par l'Astrologie*.

(1) et 3: 6 (air-eau); 1 et 4: 7 (air-terre); 2 et 1: 8 (feu-air); 2 et 3: 9 (feu-eau); 2 et 4: 10 (feu-terre)...

Cette manière de voir, qui n'est qu'une supposition, présente l'avantage de rendre compte de certains détails que nous retrouverons ci-après. Nous verrons comment s'expliquent les appellations singulières de ces signes: l'emploi de mots latins atteste leur usage à l'époque où cette langue était celle des corps savants.

*Le tableau de consultation.*

Dans la pratique divinatoire, voici comment l'on obtient les signes relatifs à une question.

- Suivant Franz Hartmann (1), l'occultiste bien connu, l'art de la géomancie ne doit être pratiqué qu'avec un esprit tranquille et calme. Si le champ de la vision mentale est obscurci par les nuages du doute ou de la crainte, du chagrin ou des désirs égoïstes, si le temple de l'esprit est occupé de questions péculaires ou de querelles des pharisiens et des scribes, il lui sera difficile d'entendre la voix de la vérité.
- Cornelius Agrippa (1) dit qu'il ne faut pas faire de géomancie un jour de pluie (2), ni même par un temps nuageux (2), ni un jour d'orage (2), ni lorsque l'esprit est en colère ou en proie à divers soucis.
- Il ne faut pas non plus se livrer à cet art pour satisfaire une vaine curiosité, par simple amusement ou pour confondre les sceptiques. Finalement, la même question ne doit pas être posée plusieurs fois dans la même forme.
- Bien plus, il faudrait choisir pour chaque question un jour spécial et une heure propice. Toutes les questions concernant l'agriculture et les mines, par exemple, devraient être faites au jour et à l'heure de Saturne; toutes les questions de mariage et d'amour, au jour et à l'heure de Vénus...

(1) Cornelius Agrippa et Franz Hartmann sont des occultistes qui se sont particulièrement occupés de l'étude de la Géomancie.  
(2) C'est une règle observée dans les sociétés secrètes indiennes.

6

La divination Chez Le Noirs de l'Afrique Occidentale Française, Charles Monteil, in, *Bulletin du Comité d'Etudes Historiques et Scientifiques de l'Afrique Occidentale Française*, 1931, p. 80

GEO MÂNCIA EURO

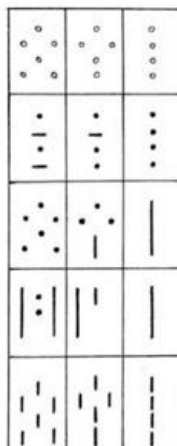


d) par alignement d'une cordelette de 8 lamelles ou de 8 demi-noix enfilées, selon qu'elles retombent du côté pile ou face (convexe ou concave) (systèmes des petits-jeux dahoméen et yorouba).

Ces divers procédés, en particulier ceux des deux premiers groupes, pouvant s'effectuer, tout ou partie, en utilisant un plateau de divination :

- *baa la rami*, planche à sable, aux Comores,
- plateau d'Ifa ou de Fa, chez les Yorouba et Dahoméens,
- ou encore van (qui est un substitut du plateau).

Il faudrait ensuite classer les divers systèmes d'écriture en :



— *écritures en points ou petits ronds*. C'est le système le plus répandu, usité dans les livres de géomancie — européens ou arabes — et lorsque le géomancien trace ses signes sur une feuille de papier (systèmes malgaches, comoriens, africains).

— *écriture en points et tirets* : si deux points se trouvent sur la même ligne horizontale, on trace un tiret, au lieu des deux points. Système signalé au Maroc par E. Douitté.

— *écriture en points et « bâtons »* : si deux points se trouvent côte à côte sur une même ligne verticale, on trace un « bâton », au lieu des deux points. Système signalé en Mauritanie et chez les Touareg. On le retrouve également à Madagascar, utilisé dans certains manuscrits arabico-malgaches<sup>1</sup>.

— *écriture en traits et « longs bâtons »* : si deux points, même non côte-à-côte, sont situés sur une même ligne verticale, ils s'écrivent généralement (mais pas toujours) sous forme de « longs bâtons ». Système signalé chez les Gourma. Fifi Dabo Siboko lui donne le nom de *Kala-dian*<sup>2</sup>. Le même système peut-être écrit en position couchée, et c'est alors le *gétéliaba*.

— *écriture en bâtonnets* : tous les points s'écrivent sous forme de bâtonnets, traits verticaux disposés sur trois lignes verticales. Système du cercle culturel d'Ifa (Dahomey, Niger et, semble-t-il, de la plus grande partie du Soudan).

JJ. Hebert, *Analyse Structurale des Geomancies Comoriennes, malgaches et Africaines*, in, *Journal de La Societe des Africaniste*, 1961, 31, 2, 115-208

1. Consulter les photos reproduites dans « Magasinikara. Regards vers le passé ». Etudes malgaches, Tananarive, 1960. Photo M11.

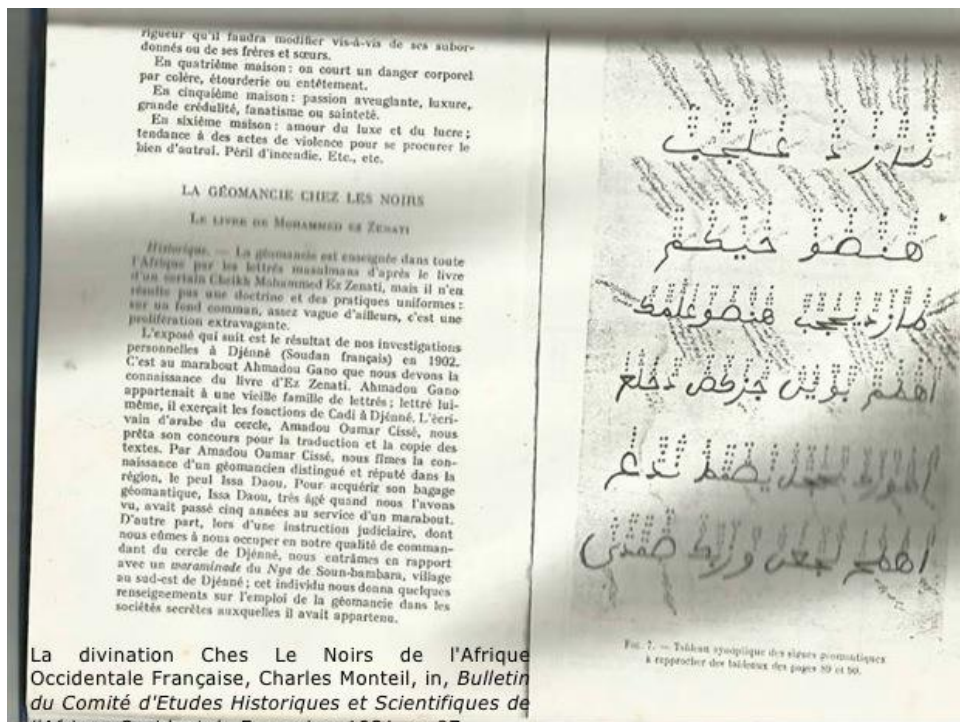
2. Fifi Dabo Siboko. *La géomancie*, p. 250 et 263.

Correspondances astrologiques des figures de géomancie.

CONSTITUTION DU ZODIAQUE	SIGNES TRANSITIONNELS DU ZODIAQUE	FIGURES DE GÉOMANCIE	APPELLATION COGNÉE	APPELLATION ARABE	CORRESPONDANCE DES FIGURES DE GÉOMANCIE ET DES SIGNES DU ZODIAQUE	
					Selon El-Zenati 1) Tables de Fata 2) Tables de Fata	Selon Gadiot en géomancie d'Europe
Bélier	♈		al-akamab le bélier	ham bélier	scorpion 1 bélier 2	géméaux
Taureau	♉		al-hairous le taureau	thez taureau	lion	taureau
Géméaux	♊		al-djousa les géméaux	jousa géméaux	capricorne 1 verseau 2	vierge
Cancer	♋		al-naroutouani l'écrevisse	saratan écrevisse	écrevisse	lion
Lion	♌		al-hassali le lion	asaf lion	taureau 1 balance 2	verseau
Vierge (et Esc.)	♍		al-nouchoula l'épi	nouchoula épi	vierge 1 géméaux 2	capricorne
Balance	♎		al-mizane balance	mizane balance	géméaux 1 vierge 2	bélier
Scorpion	♏		al-akrabou le scorpion	akrab scorpion	taureau 1 balance 2	balance
Sagittaire	♐		al-akamoud la flèche	qaw arc	lion 1 bélier (lie)	
Capricorne	♑		al-djedi le capricorne	jedy capricorne	scorpion 1 bélier 2	vierge (lie)
Versseau	♒		al-djani le saeu	dalle saeu	?	poissons
Poissons	♓		al-ouhouli le poisson	hou poisson	sagittaire 1 poissons 2	taureau (lie)

Notes : Les termes soulignés indiquent que la correspondance a été conservée, par rapport au classement-type consensuel (spéc. n° 2 : lire ALDÉBARAN et non Aldébaran).

La divination Chez Le Noirs de l'Afrique Occidentale Française, Charles Monteil, in, *Bulletin du Comité d'Etudes Historiques et Scientifiques de l'Afrique Occidentale Française*, 1931, p. 80



La divination Ches Le Noirs de l'Afrique Occidentale Française, Charles Monteil, in, *Bulletin du Comité d'Etudes Historiques et Scientifiques de l'Afrique Occidentale Française*, 1931, p. 87

Entre os antigos nagôs a geomancia recebeu o nome de *Ifá*, tornando-se um culto fitolátrico cujo símbolo e instrumento divinatórios são as sementes de palmeira, e o *òpèlè Ifá*, mantendo, porém o costume de marcar os riscos sagrados em um tabuleiro de madeira onde se coloca um pó sagrado.

Opónifá



Ikin Ifá



*Òpèlè Ifá*



Os 16 signos geomânticos, chamados em *Ifá*, de *Odù*.

I I	II II	II II	I I
I I	II II	I I	II II
I I	II II	I I	II II
I I	II II	II II	I I
<b>Eji-Ogbe</b>	<b>Oyeku Meji</b>	<b>hwori Meji</b>	<b>Odi Meji</b>
I I	II II	I I	II II
I I	II II	II II	II II
II II	I I	II II	II II
II II	I I	II II	I I
<b>Irosun Meji</b>	<b>Owonrin Meji</b>	<b>Obara Meji</b>	<b>Okunran Meji</b>
I I	II II	II II	II II
I I	I I	I I	II II
I I	I I	II II	I I
II II	I I	II II	II II
<b>Ogunda Meji</b>	<b>Osa Meji</b>	<b>Ika Meji</b>	<b>Oturupon Meji</b>
I I	I I	I I	II II
II II	I I	II II	I I
I I	II II	I I	II II
I I	I I	II II	I I
<b>Otura Meji</b>	<b>Irete Meji</b>	<b>Ose Meji</b>	<b>Ofun Meji</b>

Ao contrário do que se pensa, o oráculo de *Ifá* enfrentou dificuldades para ser aceito na Iorubalandia. Os Iorubas, a princípio recusaram-se a deixar de cultuar seus *òrisà* locais, para cultuar sementes, talvez por causa de suas origens na geomancia.

Conforme Samuel Johnson, texto publicado no livro *The History of the Yorubas* p. 158, vemos que o culto de Ifá foi rejeitado em *Òyó* durante o reinado do rei *Onigbogi*, aceito somente tempos depois.

#### “ONIGBOGI”

*Onigbogi* era um dos filhos de *Oluaso* com *Aruigba-ia*, uma mulher de *Ota*. Ela havia deixado *Òyó* durante o reinado anterior voltando para sua própria cidade, mas quando ela ouviu que seu filho ascendeu ao trono, ela retornou para *Òyó* para assisti-lo em seu governo com seus conselhos.

Ela era uma mulher muito supersticiosa. Desejando que seu filho tivesse um reinado longo e próspero, ela o aconselhou para introduzir o culto de *Ifá* em *Òyó* como uma divindade nacional. Os cidadãos de *Òyó* perguntaram ao rei e sua mãe que oferendas eram necessárias para cultuar Ifá. Ela disse o que era necessário [...]. As pessoas de



*Ọ̀yó* disseram que poderiam dar as oferendas, mas que eles não poderiam cultivar sementes de palmeira. Então, o conselho da mãe do rei foi rejeitado, e o culto de *Ifá*, cancelado.

Este texto mostra claramente que *Ifá* não pertencia à cultura tradicional dos nagôs. Digo nagôs, porque nesta época não se conhecia o nome *Yorùbá*, que é recente (Verger, Orixás).

A se provar que a geomancia é uma das origens de *Ifá*, como ela não possui poemas oraculares, era necessário que, ou fossem criados, ou fossem importados.

Isto significa que o culto de *òrìṣà* já existia antes da introdução de *Ifá*, e a lógica nos faz pensar que, se já existia *òrìṣà*, já existia oráculo próprio, já existia mitologia de *òrìṣà* própria, antes da introdução do *Ifá*.



Em nossa hipótese, o que possivelmente pode ter ocorrido foi a nomenclatura e a forma a incorporação desta mitologia de *òrìṣà*, que já existiria, ao *Odù* Corpus de *Ifá* então em formação. Sabemos que isto contraria o conceito atual de que os búzios teriam nascido de *Ifá*.

Teologicamente falando, *odù Ifá* é um livro oral de registro da oralitura, e não uma divindade que faz “nascer” outra, no sentido exato da palavra.

Moisés não nasceu da bíblia, mas a bíblia registra o nascimento dele, e se ela não existisse, Moisés também não existiria. É neste sentido que devemos entender. Se “nascer” significa “está registrado”, então está certo.

Este conceito mal explicado tem confundido muito a diáspora, passando a impressão que o babalaô é superior ao *bàbálòrìṣà*, pois segundo tal conceito mal explicado, o *òrìṣà* do *bàbálòrìṣà* “nasceria” do *odù-ifá* do *bàbáláwo*.

Em nosso entendimento, *Ifá* é a junção dos sinais divinatórios da geomancia, com o oráculo e mitologia dos *òrìṣà*, que já existiriam, segundo nossa hipótese de trabalho.

Se a geomancia forneceu ao *Ifá* os sinais divinatórios, entretanto perdeu a nomenclatura original em *Ifá*, o que nos leva a pensar que o culto dos *òrìṣà* já existente contribuiu, não apenas com a mitologia, **mas também com os nomes dos *odù*.**

Entretanto, atualmente *Ifá* é confundido com a própria religião iorubá, arrogando para si a origem do oráculo dos búzios, que teria sido dado aos *bàbálòrìṣà*, pelos *bàbáláwo*, numa inversão da ordem histórica, segundo nossa linha de pensamento, e não faltam mitos que corroborem tal afirmação. Entretanto, não é o que mostra a direção dos estudos e as pesquisas.

Um extrato da mitologia oracular do oráculo dos búzios, coletado por William Bascom do *bàbálòrìṣà* Salako, em *Ọ̀yọ̀*, publicado no livro *Sixteen Cowries*, p. 18, informa sobre a existência do oráculo anterior ao *Ifá*.

Não há trabalho que seja fácil para Orunmila.

Pai disse: “O que você vai fazer?”

Ele disse que seria divinador.

“Que espécie de divinador?”

Ele disse: “Para tudo que as pessoas buscam com você”.

Eram nozes de cola que traziam para o Pai naqueles tempos (para divinação).

Se alguém falasse para a noz de cola

E a deitasse,

Pai era quem dava conselho.

“Quero saber resposta à minha pergunta”.

E Orişálá então diria.

Desse modo, chamou Orunmila

E Orunmila recebeu uma bolsa de divinação.

Pai pegou a bolsa de Ifá,

Disse que Orunmila tinha de aprende-la

De modo se alguém quisesse alguma coisa

Tinha de ir a Orunmila.

Como vimos, ainda que alguns possam rotular esta linha de pesquisa como “especulação”, há evidências e possibilidades nas hipóteses aqui levantadas. Um trabalho mais profundo nesta direção seria importante para resgatar o conceito de uma forma oracular dos Orixás, anterior ao Ifá.

Para que aqueles que julgarão absurdo o propósito deste texto, quero lembrar-lhes os nomes de Giordano Bruno, Nicolau Copérnico, e Galileu Galilei, perseguidos pela Igreja Católica nos séculos XVI e XVII, por afirmarem que o errado pode ser o certo, isto é, que Terra girava em torno do sol.

"Enquanto a alma do europeu é única e indivisível, a do africano é múltipla e multifacetada. Este conceito foi uma das opressões utilizadas pelo colonizador para inferiorizar o colonizado."

[Luiz L. Marins]

[www.olorun.com.br](http://www.olorun.com.br)



## **AS DIFERENTES TRADIÇÕES JEJES NA DIÁSPORA BRASILEIRA**

Por Charles da Silva, *Hùngbono* Charles



## PARTE I - INTRODUÇÃO

A palavra "*Vòdún*" é um termo designado para nomear e explicar os fenômenos da natureza como divindades e também como designação de ancestral. O *Vòdún* é a base das culturas dos diversos povos *gbé*-falantes tais como os *Fon*, *Gún*, *Ajá*, *Ewe*, *Gen* e *Bariba*. O *Vòdún* pode ser um raio ou o vento, como pode ser um ancestral de grande relevância perante os olhos de seu povo.

Os Voduns são cultuados dentro de famílias (*Hennù*, em *fongbé*) e cada família tem seu *Vòdún*-chefe (*Hennùgán*, *Dàá*, *Gbenúgán*, *Akò nò*, *Akò sú* ou *Dàdá*) que geralmente é dado como o pai daqueles *Vòdún* daquela família, uma matriarca (*Hennùnaé*, *Akò ná*) que é a mãe daqueles *Vòdún*, e um *Vòdún* jovem que é o mensageiro (*wensagun*) daquela família, chamado de "*tokwenu*" ou "*tóquen*".

Cada *Vòdún* está ligado a um fenômeno da natureza, ou costume, como caça, pesca, guerra, agricultura, entre outros.

A organização do culto *Vòdún* foi fruto do pensamento de *Yegú Tennú Gesú*, filho de *Tennú Gesú*, rei do *Tado*, e de uma princesa mítica *Aligbonó*, que era sacerdotisa de *GbéKpò* a "grande pantera" ou

"pantera da vida", uma antiga divindade da mesma importância de *Dangbé* tem para os Maxi. *Yegú* foi divinizado sob o nome de *Agasú/Ajahutó/Kpòsú/Dàdàxó* e acreditavam que ele era a encarnação da antiga pantera. Anterior a este acontecimento, os deuses primordiais eram chamados de *Inyes* e os ancestrais e antepassados eram conhecidos como *Kloutó* ou *Kútutó*, e eram principalmente de caráter familiar, após isso, o nome *Vòdún* foi utilizado e muitos *Inyes* integrados aos cultos de *Vòdún* juntamente com os ancestrais divinizados e alguns *Inyes* foram substituídos por seus "avatares", sendo que na atualidade, no Benin, os cultos aos *Voduns* familiares é muito mais fluente do que o culto dos deuses primordiais como *Loko*, *Dan* e *Aziri*.

Partindo da divisão básica do culto temos os *Vòdún* ligados aos dois principais elementos:

- *Àyivòdún*: *Vòdún* ligados ao elemento terra (*àyi*); encabeçados por *Sakpatá*.
- *Jívòdún*: *Voduns* ligados ao céu (*jí*) - o alto, o ar; encabeçados por *Xebyosò*.

Dentro desta divisão existem subdivisões e classificações como exemplo: *Àyivòdún*: *Vòdún* da terra; *Zùnvòdún*: *Vòdún* da floresta; *Àtínhùnvé* ou *Àtínmèvòdún*: *Vòdún* que habita o interior das árvores; *Sòvòdún*: *Vòdún* do trovão e raio; *Tò vòdún*: *Vòdún* das águas; *Hènnùvòdún*: *Vòdún* de ancestrais reais; *Tóvòdún*: *Vòdún* de aldeias e povoados; *Tóxwyo*: *Vòdún* fundadores de clãs.

No Benin os cultos mais importantes são dos *Hènnùvòdún* por estar mais próximo a uma realidade atual, porém existem os cultos tradicionais que podemos destacar três: *Xebyosò*, *Sakpatá* e *Dan*. No Brasil a herança dos cultos reais não predominou, mas dos três principais *Vòdún* sim.

As casas tradicionais no Brasil de culto *Vòdún/Jeji* são de diversas tradições:

- *Xwélegbétan Zomadonu* ou *Kwerebetan de Zomadonu* (Palácio de *Zomadonu*), conhecida como "Casa das Minas *Jejis*" de culto *Mina/Dànxomé/Nesuxwé*; Predominância de culto aos Voduns reais. (Maranhão)

- Nago Abioton ou Casa de Nagô de culto Mina/Nagô; Predominância de culto aos *Vòdún* reais, a *Xebyosò* e aos *Òrìṣà yorùbá*; (Maranhão)
- *Zoogodo Bogun Male Hundó* (Terreiro do *Bogun*) de culto *Mahi/Bariba*; Predominância de culto aos *Vòdún* do trovão (*Xebyosò*); (Bahia)
- *Xwé Sènjá Hùnde* (Terreiro *Sejá Hundê*) de culto *Mahi/Bariba*; Predominância de culto aos *Vòdún* da família de *Sakpatá* e *Dan*; (Bahia)
- *Hùnkpámè Ayiono Huntoloji* (Terreiro *Runtoloji*) de culto *Mahi/Bariba*; Predominância de culto a *Sakpatá* e *Nàgó-Vòdún*; (Bahia)
- *Xwé Kpò e Jí* (*Cacunda* de *Yayá*) de culto *Mahi/Savalú*; predominância de culto a *Sakpatá* e *Nàgó-Vòdún*; (Bahia)
- *Hùnkpámè Danxomé* (Terreiro do Pinho) de culto *Fon/Ewe/Aja*; predominância de culto aos *Vòdún* da família de *Dan*, *Xebyosò* e *Kloutó*; (Bahia)

- *Xwé Kpò Daagbá* de culto *Mahi/Alladá*; predominância de culto a *Gú, Jó, Otolú, Dan* (e família), *Sakpatá* (e família) e *Xebyosò* (e família);
- *Xwé Kpò Zenhen* (extinto) de culto *Aja/Fon*; predominância de culto a *Xebyosò* e *Kukutó* (*Égún*, antepassados); (Bahia)
- *Xwélegbetan Nyame* (Casa do Egito, extinta) de culto *Fanti/Ashanti/Mina*; predominância de culto aos *Vòdún ganeses* (*Bosuns*) e *Vòdún* reais; cuja influência deu origem a Casa de Mina *Fanti-Ashanti*; (Maranhão)
- Terreiro ou Casa da Turquia (extinta) de culto *Ewe/Aja/Mina*; predominância de culto aos *Vòdún* reais e *Vòdún togoleses*; (Maranhão)
- Algumas casas no Sul do Brasil dentro do costume do rito Batuque.

## **PARTE II - OS TAMBORES DE MINA DO MARANHÃO**

O Tambor de Mina é o nome da religião afro-brasileira mais difundida no Maranhão, Piauí e na região da Amazônia. Formado pelas nações Mina-*Jeje* e *Mina-nàgó*. Foram quatro as Casas que formaram os pilares do tambor de Mina, a se citar:

- A Casa das Minas (*Xwelegbetan Zomadonu*) de Nação *Mina/Dànxómè/Nesuxwé*, com o culto dos *Vòdún* da realeza do *Abomey*.
- A Casa *Nàgó* (*Anago Abioton*) de Nação *Mina/Nàgó* com o culto aos *Vòdún* de *Xebyosò*, aos *Vòdún* reais e aos *òrìṣà*.
- A Casa do Egito (*Xwelegbetan Nyame*) de Nação *Mina/Fanti-Ashanti* com o culto aos *Vòdún* reais e aos *Vòdún* ganeses (*Bosuns*).
- A Casa da Turquia (*Ilé Nifé Olorum*) de Nação *Mina/Nagô/Aja* com o culto aos *Vòdún* reais e togoleses e aos *òrìṣà*.

Casa das *Minas* ou *Kwerebetan de Zomadonu* foi fundada em meados do século XIX, e segundo Pierre Verger, por *Nã Agotimé*, da família real de *Abomey*, esposa do rei *Agonglô*, mãe do rei *Guezô* do *Daomé*, trazida como escrava para o Brasil, e aqui conhecida pelo nome de Maria Jesuína. A casa dedica-se ao culto *Jeje* dos *Vòdún*, que estão organizados por famílias, a saber: *Davice* que é a principal, dos *Nesuxwé* da Família Real, hospedando as demais: *Dambirá* (*Damballah*), *Quevioçô* (*Hevioossô*), *Aladanu* e *Savalunu*. É considerada a mais antiga casa de tambor de mina no Maranhão, localizada à rua de São Pantaleão, no centro histórico de São Luís.

Casa de *Nàgó* (*Anagon Abioton*) foi fundada por africanos de tradição *yourùbá*, mais precisamente, de *Abeokutá* em contato com os negros *Mina* e *Fon*, deu origem a outros terreiros de São Luís, em que são recebidas entidades africanas *jeje-nàgó*: *Doçu*, *Averequete*, *Ewá*, *Aziri*, *Acóssi*, *Sakpatá*, *Nanã Burukú*, *Xapanã*, *Ògún*, *Sàngó*, *Badé*, *Loko*, *Iemanjá* (*Abê*), *Lissá*, *Naeté*, *Sogbô*, Avó *Missã* dentre outros; gentis de origem europeia ou caboclas de origem nativa: Dom Luís Rei de França, Dom João, Dom Floriano, Dom Sebastião, Toy Zezinho de Amaramadã, Rei da Turquia, S. Ricardino, S. Caboclo Velho, Princesa D'Ôro, S. Guerreiro, D. Mariana, S. Légua Boji, S. João da Mata e muitos outros. Segundo relatos, foi fundada à época de D. Pedro II



por malungos africanos "de Nação", ajudados pela fundadora da Casa das Minas. Localizada na Rua Cândido Ribeiro no centro histórico de São Luís, a Casa de Nagô é considerada irmã da Casa das *Minas*, que juntamente com esta influenciou os demais terreiros de São Luís.

### **O CULTO DOS BOSUNS**

O Terreiro do Egito ou *Kwerebetan de Nyame*, foi fundado por *Masinokou Alapong*, negra de etnia *Ashanti*, de Gana, em 12 de dezembro de 1864. Seu culto mescla os *Bosuns* de Gana e os *Vòdún* dos negros Minas. Quando o Terreiro do Egito fechou suas portas, Pai Euclides dava início a Casa *Fanti-Ashanti*, com o culto dos *Vòdún* e dos *òriṣà* por influência do *Nàgó-Egbá* de Pernambuco.

Os principais deuses *ashantis* são *Nyame*, o deus do céu e da criação, e sua esposa *Asase Yá*, a deusa da terra e mãe de todas as coisas vivas. Abaixo deles há uma corte de deuses chamados *Bosuns*, pelo qual os sacerdotes e iniciados são possuídos.

Não há dúvidas sobre a existência de um reino dos mortos, chamado *Samanade*, ao qual se tem muito respeito, empregando-se muita atenção e cuidado nos funerais e enterros.



A religião tradicional não requer cultos regulares em locais e horários determinados.

Os deuses e espíritos de ancestrais estão sempre presentes.

Os *Ashanti* creem que mundo foi criado por *Nyame* e sua esposa a deusa mãe *Asase Yá* da qual nasce tudo que é vivo e para qual todos voltam. Eles tem dois, *Bia* e *Tano*, o Sol e a Lua, além de *Anasi* - "O Aranha" ou *Kwaku Anansi* "O Homem Aranha".

Entre os personagens míticos dos *Ashantis* destaca-se *Anansi*, filho de *Nyame*, o deus dos céus e de *Asase Ya*, deusa da terra e da fertilidade.

*Anansi*, é um intermediário entre *Nyame* e os seres vivos, assim como *Legbá* dos *fons*.

É o responsável trazer a chuva e de controlar as margens dos oceanos e rios durante as inundações.

*Anansi* é considerado às vezes como o criador das estrelas, aquele que instituiu a sucessão do dia com a noite.

Seu caráter astuto, habilidoso e controlador de todo tipo de truques e armadilhas o torna um dos personagens mais populares da mitologia *ashanti*.

Os principais *Bosuns* que vieram para o Maranhão pertence a família *Osopong*, dos *Bosuns* caçadores da mata e ligados as aldeias: *Akosombo*, *Bonsutuy*, *Kipong*, *Akan-Kuamo* e *Mapong* que são caçadores e da fartura; *Etekó*, *Nysepon*, *Legon*, *Luepo*, *Afosun* e *Agubobo* que são ligados as doenças e a cura; *Alabyapong*, *Aguidihe*, *Okoinin*, *Bokulofin*, *Nikoransa* são *Bosuns* ligados aos chefes de aldeias; *Tombalasy*, *Obaila* e *Irete* são aqueles ligados a calma e a benevolência.

*Kobina Amanfi*, *Manupongy*, *Mientwi*, *Oti Akentin*, *Maswi Gadwi*, *Adanse*, *Dangowe*, *Osimpongy*, *Buinka* e *Amabow* são as esposas dos *bosuns*, ligadas a maternidade e a fertilidade, algumas são das águas e outras da terra.

**BUSCANDO A POSSÍVEL HERANÇA VÒDÚN NO CULTO BATUQUE  
AFRO-GAÚCHO**

*Bàbálòrìṣà Erick Óbokún*  
e

*Hùngbono Charles*  
Março / 2013

## RESUMO

O propósito deste texto é analisarmos a herança *Vòdún*, transmitida pelos *Jeje*, através do culto de algumas divindades deste povo nos rituais do Batuque do R.S., mostrando a possibilidade de tais divindades terem sido introduzidas ou assimilado o culto *Yorùbá*, aceitando assim serem tratadas e cultuadas nos rituais *Yorùbá*. Utilizando informações fornecidas pelo *Hùngbono* Charles, iniciado e sacerdote no Candomblé Jeje.

Para isso adaptamos algumas conversas compor este artigo.

PALAVRAS CHAVES: ÒRÌṢÀ, LÈBGÁ, AYIZAN, ZINA, XAPANÃ, ATINBOWÁ, GAMA, SÒGBÓ

## **A IDENTIDADE DO LÈGBÁ**

*Hùngbono Charles* - O *Lègbá* é uma divindade respeitada e muito querida entre os *Jeje*, quando mencionam seu nome o fazem com carinho e grande respeito, dificilmente vinculam a sua identidade ao demônio, qualquer sincretismo demoníaco chega a ser ofensivo para este povo.

Por isso, qualquer associação com o demônio é repudiado, contudo podemos considerar que um dos maiores culpado desta associação, seja mesmo as imagens que o representam que geralmente são dotadas de dois chifres na cabeça.

*Bàbálòrìṣà Erick Óbokún* - Sabemos que muitos sacerdotes e adeptos da Nação Batuque, costumam criar um certo estigma com o nome do *Lègbá*, gerando um mito demoníaco ou satânico, porem o que não podemos deixar de mencionar, porem não condiz com o seu poder e origem.



Para que tenham noção da real personificação e poder desta divindade, usaremos o texto CASA JEJE DE AZANSÚ-SAKPATÁ, publicado na 15ª edição, Setembro 2013, de autoria do *Hùngbono Charles*, que esclarece e nos dá uma noção do poder e identidade do *Lègbá*, confira;

[...] *Legbá* (*Legbà*, em *fongbé*) é um *Vodun* muito importante, tanto no Benin como na diáspora, por ser aquele que tem como atributos ser o protetor e o mensageiro entre os homens e os *Voduns*. [...]

[...] No Brasil não é feito e nem entra em transe, não tendo *vodunsi*. No Benin há *vodunsi* dedicadas a estes *voduns*, recebendo a denominação de *legbási*<sup>15</sup>. [...]

[...] *Legbá* é o correspondente *Jeji* ao *òrìṣà Èṣù* (*Bara*) dos *yorùbá*. É o filho mais jovem do par *Mawu-Lisá*<sup>16</sup> ou *Dadá-Segbo*<sup>17</sup>. Seu assentamento é um montículo de barro com um falo ereto, representação de sua relação com a sexualidade masculina, e com dois chifres. Possui ligações com *Ayizan* e *Xorokwe*. [...]

[...] O dia dedicado à *Legbá* é a segunda-feira, juntamente com *Xorokwé*, *Ogun*, a família de *Sakpatá*<sup>18</sup> e *Ayizan*. Sua cor é o vermelho, o multicolorido e o transparente. Aceita como oferendas a farofa de dendê e mel, cachaça, açaçá de

<sup>15</sup> *Legbási* - Pessoa iniciada ao *vodun Legbá*; do *fongbé si*: esposa.

<sup>16</sup> *Māwū-Lisà* - Par criador, divindade dupla que mantém o equilíbrio

<sup>17</sup> *Dadá-Segbo* - Título dado a *Māwū-Lisà*: grande par criador.

<sup>18</sup> *Sakpatá*: *vodun* da varíola e da terra. Todos os *voduns* da terra e das doenças, bem como aqueles de origem nagô fazem parte da família de *Sakpatá*.

milho, milho torrado e feijão.[...] (Charles, p. 26 e 27)

*Bàbálòrìsà* Erick *Óbokún* - Não temos certeza quando e como começou o mito demoníaco em torno desta divindade, provavelmente a diáspora do Batuque criaram este sincretismo com o demônio, quando tiveram necessidade de impor certo respeito em tempos difíceis, quando os templos da raiz *Kànbíná*<sup>19</sup>, eram assolados de feitiços e ameaças. Porém é claro que a sua imagem era provida de chifres.

Narrava o *Bàbálòrìsà* Luiz Carlos da *Òsùn* (póstuma), filho do *Bàbálòrìsà* Cleon *Òòsàálá*, em determinado momento de diáspora Afro-Gaúcha, propriamente a raiz *Kànbína*, passou por tempos difíceis, onde estavam morrendo muitos sacerdotes desta raiz, os mais antigos se juntaram e pediram para que a *Ìyálòrìsà* Palmira da *Òsùn*<sup>20</sup>, fosse em terras africanas buscar segurança e conhecimento. Segundo contam ela foi até a Cabinda, e trouxe o *Lègbá* e a *Zina*, duas divindades de origem *Jeje*, porém não encontradas em terras Banto, e

---

<sup>19</sup> *Kànbíná* – Uma das quatro raízes conhecidas da Nação Batuque do R.S., ramificações que se estendem e criam novas vertentes baseadas numa mesma nação e seus rituais.

<sup>20</sup> *Ìyálòrìsà* Palmira Torres Santos, de *òsùn Epandá Olobomi*, iniciada e aprontada pelo *Bàbálòrìsà* Valdemar Antônio dos santos, de *Ṣàngó Kàmuká Baruàlofina*.



foi assim, pela proteção desta divindade *Vòdún*, que se livraram dos inimigos e a comunidade se fortaleceu.

E foi em meados dos anos 90, que o Livro Os Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás, autor Paulo Tadeu, que trouxe novas informações para os iniciados da Nação Batuque do R.S., assinado e confirmado por renomados *bàbálòrìsàs* a mudança do nome até então conhecida por *Kànbína*, para se tornar a Cabinda, criando vínculos com o povo Banto, pore visualizem o mapa a localização da cidade Cabinda, provavelmente esta associação foi feita sem dados ou estudos que pudessem ilustrar qualquer culto ou rituais pertencentes ao povo Banto. Porem sabemos que os *Banto* não cultuam o *Vodun Lègbá* nem a *Ayizan*, se tornando impossível que a *Ìyálòrìsà* Palmira da *Òsùn*, tenha trazido estas divindades de terras Banto, o que nos faz pensar que a *Ìyálòrìsà* , pisou em terras *Jeje*, que claramente vemos as influencias *Yorùbá* ou *Jeje* nos rituais da Nação do Batuque do R.S.





Sem que saibamos o levou o autor Paulo Tadeu, a vincular a *Kànbína*, com a Cabinda Banto, renomeando esta raiz com o nome de Cabinda, criou uma divisão entre alguns sacerdotes que se dividem entre uma raiz Banto considerando que os *nKissi* se tornaram *Yorùbá*, sem reconhecimento de nem um *nKissi*, e outra que se consideram uma raiz *Yorùbá*, cultuando suas divindades *Yorùbá* e tendo *Sàngó* como o rei desta raiz.

Lembrando que os *Banto* não cultuam *orí* ou *òrìṣà*, da mesma forma que não praticam rituais como *arissun*, *eborí*, entre outros rituais *Yorùbá*, diáspora do Batuque praticam em suas raízes (*Ìjèsà*, *Jeje*, *Òyó* e *Kànbína*).



#### O CULTO À AYIZAN E AOS ANTEPASSADOS

*Bàbálòrìṣà* Erick *Óbokún* - A Zina, cultuada apenas na raiz *Kànbína*, está fortemente ligada ao cemitério e os mortos, sendo as vezes chamada de anjo da solidão, o que não podemos deixar de observar que na Nação Batuque ela é conhecida como a esposa do *Lègbá*.

Confira mais esta referencia sobre a Zina publicada pelo *Hùngbono Charles*, no artigo CASA JEJE DE AZANSÚ-SAKPATÁ, 15º edição, Setembro 2013, que apresenta a *Ayizan*, *confira*

[...] No culto *Jeji mahi* dos *voduns*, *Ayizan* é tratada como sendo um *Vodun* feminino que rege a memória ancestral, os antepassados e a morte. É também a personificação do elemento terra. *Ayizan* está muito ligada também a *azan*<sup>21</sup> e aos ritos da iniciação, como também com a palmeira de ráfia.

No *Jeji mahi* não há um culto voltado diretamente aos antepassados ou mortos (*kukuto* ou *Akututo*). Todos os antepassados da casa são reverenciados através do assentamento dedicado a *Ayizan*, não existindo Casa de *Egun* (Casa de *Kukuto* ou *Kutitó*, *Kuxö* ou *Kuxwé\**). [...] (*Charles*, p. 28)

---

<sup>21</sup> *Azan* – Esteira de palha muito comum nos rituais africanos.

### **XAPANÃ E O SINCRETISMO**

O momento que gerou grande preocupação, foi percebermos que ao perguntarmos o porquê *Xapanã* carregava cachorro, muitos dos adeptos do Batuque respondiam, por que S. Lazaro carrega cachorro, porem o que a cultura Cristã tem haver com a cultura Afro?

O sincretismo conseguiu contaminar e destruir a consciência religiosa do adepto, que não se dava conta de que S. Lazaro não validava fundamento algum, na verdade deveria ser combatido para que a população percebesse que o sincretismo estava sufocando a própria cultura, foi por isso que deu-se inicio na primeira edição da revista *Olórun*, a qual publicamos as divindades cultuadas na maioria das casas Batuqueiras e alguns mitos encontrados no livro Mitologia dos Orixás, aos quais trariam consciência para aqueles que desejavam saber quem eram e o que cultuavam em seus templos, sem que houvesse a mistura com o sincretismo, levando a uma reestruturação religiosa consciente e fortalecida na própria cultura, na matriz africana.

Xangô dá a Obaluaê os Cães de Ogum  
Xango era um homem muito popular.  
Um dia, na praça, um leproso de nome Obaluaê o procurou.  
“Por que não falas comigo?”, perguntou o pestilento.  
Xangô respondeu-lhe que seu pai Obatalá  
lhe havia dito que naquela terra ele tinha um irmão de sangue  
e uma irmão adotivo.  
E era só com eles que ele deveria conversar.  
Disse-lhe Obaluaê ser ele o seu irmão por adoção.  
E que o outro era Ogum, que andava sempre acompanhado de muitos cães.  
Xango disse a Obaluaê que aquela terra não lhe pertencia, que seguisse para terras  
distantes, onde encontraria melhor sorte.  
Obaluaê retrucou da dificuldade em seguir caminho naquelas condições de doença  
em que se encontrava.  
Xango tomou então dois cães de Ogum e os deu a Obaluaê par que lhe servissem de  
guias e guardiões.  
Mas Ogum não gostou de perder os cães e atacou Xango.  
Desde então, Xango e Ogum, apesar de irmãos, tornaram-se eterno e irreconciliáveis  
antagonistas.  
Desde então chama Ogum de Ogunjá, que na língua da terra quer dizer Ogum dos  
cães.  
[144] (Prandi, p. 263 à 264)



E foi assim que os adeptos do Batuque do R.S. começaram a se interessar pelas lendas e histórias que até então era de usufruto apenas do Candomblé.

*Hùngbono* Charles - A sudação de Xapanã entre os Jeje Mahi.

Abáo = Abaowe seria literalmente um sinal de respeito "respeito a vc".

#### **ATINBOWÁ – LOKO ATINBOWÁ**

*Bàbálòrìsà* Erick *Óbokún* - Uma divindade muito conhecida na Nação Batuque R.S., que faz uma grande parceria com o *Ojubo* que se encontra na frente dos templos da Nação Batuque do R.S., o seu culto se encontra aglutinado no culto da divindade *Oya*, ela pode ter um local apropriado para ser adorada na frente dos templos, ou até possivelmente que seja encontrada nos fundos dos templos, tudo depende dos fundamentos da família daquele templo.

*Hùngbono* Charles - Sugiro que observem a semelhança entre Tinbowá – Loko Atinbowá, *Oyá Timboá* encontra-se no culto para



òrisà, propriamente dito no Batuque, porém a tradução da palavra *Timboá* ou *Atinbowá* só tem tradução literal na língua fongbé.

2. Atin (ou Loko'tin): Árvore (onde “repousam” os ancestrais);

3. Bo: Ela/Aquela;

4. Wá: verbo “Vir”

No Batuque a *Timboá* está ligada ao culto de *Égún*, ou seja, aos ancestrais, que independente de estar na frente ou nos fundos dos templos, a sua função é evitar que *Égún* ou espíritos maléficos passem por ela, ou possam trazer malefícios para o templo.

*Hùngbono* Charles - *ATINBOWÁ* significa “Aquela que vem das árvores”, um epíteto a uma divindade. Sabe-se que *Atin* ou *Loko'tin* é a árvore onde moram os ancestrais, assim a divindade denominada *Atinbowá* da mesma forma que *Oyá Timboá* cultuada pela nação Batuque está ligada aos espíritos dos antepassados e ancestrais. (Charles Da Silva)

*Bàbálòrisà* Erick *Óbokún* - Uma pequena adaptação no culto para *Timboá*, na Nação Batuque, convencionara que as suas oferendas deveriam ser entregues nos pés de Figueiras (árvore).

*Hùngbono Charles - Loko Atinbowá* Loko é a divindade que tem forma de árvore. É o grande *Atinme-vodun* (o vodun dentro da árvore) senhor dos ancestrais e também a ligação entre *Jinokosun* (o mundo espiritual) e *Ayikungban* (o mundo terrestre). Sua mitologia está ligada ao mito da criação e dos gêmeos, filhos de *Mawu* e *Lisà*, o par primordial.

Segundo a mitologia, *Mawu* e *Lisà* tiveram sete casais de filhos gêmeos e a eles foi dado um governo em *Ayikungban*. *Loko*, que era um vodun em forma de árvore, tinha um duplo aspecto, um macho e outro fêmea: *Loko Atinsu* (masculino, e cujo culto é mais difundido na diáspora) e *Loko Atinbowá* (feminina). Enquanto *Loko Atinsu* é o Vodun que representa a ancestralidade e as grandes árvores, *Loko Atinbowá* é intimamente ligada aos espíritos, a guardiã dos antepassados e detentora dos mistérios dos mesmos.

Ao traçarmos um paralelo entre *Oyá Timboá* cultuada no Batuque e *Loko Atinbowá* da cosmovisão Aja/Fon veremos que as duas divindades mantêm algumas características em comum, além do nome logicamente, sua relação com os espíritos é nitidamente clara, embora *Oyá Timboá* tenha adquirido um aspecto digamos um tanto mais “sombrio”.

Claramente pode haver neste caso uma mescla de culto entre *Atinbowá* e *Oyá* para que o culto desta divindade sobrevivesse, caso que ocorreu com muitas outras divindades africanas nas diásporas, haja visto que o culto a *Loko* e principalmente a *Loko Atinbowá* é extremamente difícil de se encontra.

#### **CULTO A AGBO LENSU - XEBYOSÒ - SÒGBÓ**

*Bàbálòrìṣà* Erick *Óbokún* - *Sògbó* é uma divindade que poucos templos ainda o cultuam, conhecemos o Roberto de *Sàngó* (SP), e ouvimos apenas alguns poucos sacerdotes mencionarem a existência desta divindades no culto, apesar de tirarem a seguinte cantiga para *Sògbó*, confira;

Sobo undê  
Acalum alarundê aê aê acalum alarundê  
Ococundê  
Acalum alarundê aê aê acalum alarundê [Verardi]

*Sògbó* no culto Afro-Gaúcho, foi agregado ao culto do *Alaafin*, o que não quer dizer que ele seja um descendente de *Sàngó*, provavelmente por ser o deus dos raios, que ele foi aglutinado entre os já conhecidos *Sàngó*, porem notem que *Sògbó* não come em gamela, suas oferendas devem ser entregues em pratos de barro ou alguidares, e jamais ofereça carneiro para ele, pois esta divindade protege este animal e mais deve ser oferecido a ele.

*Hùngbono Charles - Agbo Lensú* (O Carneiro de Fogo) é uma divindade *INYE* que deu origem mais tarde ao culto de *Xebyosò* ou *Heviosò* (divindade local da cidade de Xebyé) e de *Sògbó* (culto nacional do Dahomé do deus do raio). Tal como *Agbo Lensú*, na região do Benin, *Sògbó* é representado pelo carneiro. O totemismo animal é muito presente na religião dos *vodun*, tal como *Dangbé* é figurado pela serpente, *Kpòsú* pela pantera, *Sògbó* é a divindade representada pelo carneiro.

Assim sendo jamais um jeje que segue as tradições dos povos dahomeanos, principalmente da região do atual Benin, devem imolar um carneiro. Matar um *àgbó* (carneiro), para um *Jeje*, é um desrespeito ao deus do raio!

### ***Lisà ou Aganma***

*Bàbálòrìṣà* Erick *Óbokún* - No culto à *Xapanã*, da Nação batuque do R.S., encontraremos a divindade Gama, que por falta das devidas fundamentações, se tornou uma *Òṣùn* do cemitério, seria o mesmo que dizer que existe um *Òṣàálá* que veste preto ou faz o dano, impossível de conceituar tal divindade, simplesmente por que foge totalmente da sua origem e fundamentos.

*Hùngbono* Charles - *Lisà (Lissa)* ou *Aganma (Agama* - “O camaleão”) é uma divindade de origem *Aja*, ligado a criação. É o princípio masculino da criação, enquanto que *Mawu* é o princípio feminino. *Lisà*, “o branco”, é uma divindade muito semelhante ao orixá *Yorùbá Obàtálá / Òṣàálá*, sendo que cosmogonicamente ambos tem a mesma função.

*Bàbálòrìṣà* Erick *Óbokún* - Sobre o culto de *Gama*, no *Batuque do R.S.* sabemos que esta divindade pode carregar as mesmas cores que *Xapanã*, Lilás e branco (1x1), e não teia nada haver com *Òsùn* e o seu culto, nem mesmo seria feminino.

*Hùngbono* Charles - *Lisà* é um deus masculino representado pelo Sol, enquanto que *Mawu*, a deusa-mãe, é representada pela Lua. *Lisà* ou *Aganma* também recebe o apelido de *Alòkpe* - "O da mão pequena" - uma alusão a pata do camaleão. Os mitos dos povos Aja contam que *Lisà* desceu a terra e se manifestou para eles como *Aganma* (o camaleão) desde então esse é seu maior símbolo dentre os *Ajanu*.

*Lisà* é o céu e *Mawu* é a terra; Ele representa a força cósmica masculina e Ela é feminina. Também *Lisà* é a divindade da paternidade, é o pai dos Voduns e dos homens. Conta-se que *Lisà* é muito temperamental e muito rígido, ele é quem ficou responsável por fazer valer as regras de *Mawu*, e sempre castiga quem as descumpre. Certa vez, *Mawu* vendo a impaciência de seu irmão e companheiro para com os homens decretou que *Lisà* deveria descer a *Ayikúngban* (a terra, mundo dos homens) e convivendo com os humanos deveria aprender com eles e conhecê-los melhor, e assim *Lisà* de tempos em tempos vinha a terra e muitas vezes se envolvia com as mulheres humanas e seus filhos eram dados como vodun.

Para os povos do Abomey, onde encontra-se o convento de *Jèna*, o principal templo dedicado a *Mawu-Lisà*, estas divindades são a origem

de tudo o que é vivo, são os deuses que existiam antes de tudo e de todos. Porém, para os povos das localidades de Dasa-Zumé e entre os *Bariba*, *Mawu* e *Lisà* são gêmeos nascidos de uma divindade mais antiga, chamada Nana *Bulukú*.

A cor emblemática de *Lisà* é o branco, e seus *Vòdún* sempre devem usar a cor branca e são chamados *lisàsì* ou *aganmaví* (filhos do camaleão). Diferente de *Mawu* que se relaciona igualmente a todas as famílias de *Vòdún*, *Lisà* é considerado um *Ji-Vòdún* (*Vòdún* do céu). Sua saudação é *Daá mi Lisà ató nyi gbó Daágbó!*

### **Bibliografia**

VERARDI, Jorge, *Axés dos Orixás no rio Grande do Sul*. Editora Palloti, 1990

SILVA, Charles, *MÄWÜ A DEUSA DA CRIAÇÃO NA TRADIÇÃO JEJI*, p. 16, 16º Edição Revista *Olórun*, SET 2013.

SILVA, Charles, *CASA JEJE DE AZANSÚ-SAKPATÁ*, R. S., p. 25 à 27, 15º Edição Revista *Olórun*, SET 2013.



### CRÉDITO

*Bàbálòrìṣà* Erick *Òṣàálá* Diretor do templo Ilê Axé Nagô Kóbi, iniciado em para *Óbokún*<sup>22</sup> um *Ìkójopò-òsà*<sup>23</sup> no culto à *Òṣàálá*, no *òrìṣàísmo* Afro-sul.

[www.olorun.com.br](http://www.olorun.com.br)

<http://Iledeobokum.blogspot.com>

Charles da Silva, *Hùngbono* Charles, iniciado em 12 de fevereiro de 1996, por *Gāyākú* Alzira de *Azansú* para divindade *Yemonjá* (*Naesin Togbo*) possui o cargo de *Hùngbónò*.

---

<sup>22</sup> *Óbokún* - Rei e fundador de *Ijesà*, o filho mais novo de *Odúduwá*.

<sup>23</sup> *Ìkójopò-òsà* - ajuntamento, acumulação ou coleção.





